

Michéle Muliterno de Melo

Dat's ain't the language I've learned:
como a variação lingüística é apresentada nos livros
didáticos de cursos de franquia destinados ao ensino de
inglês

Passo Fundo

2008

Michéle Muliterno de Melo

Dat's ain't the language I've learned: como a variação
lingüística é apresentada nos livros didáticos de cursos de
franquia destinados ao ensino de inglês

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Letras, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas,
da Universidade de Passo Fundo, como requisito para
obtenção do grau de Mestre em Letras, sob a orientação da
Prof. Dr. Telisa Furlanetto Graeff.

Passo Fundo

2008

DEDICATÓRIA

À minha mãe, Mariza, que por bem ou por mal, sempre me incentivou a estudar e sempre acreditou em mim.

AGRADECIMENTOS

À Prof. Dra. Telisa Furlanetto Graeff por ter “abraçado a causa”.

À Prof. Dra. Florence Carboni por, mesmo de longe, nunca ter me abandonado nesse percurso.

À Prof. Dra. Luciane Sturm pelo incentivo, pela boa vontade e por toda ajuda prestada.

À amiga Danielly Batistella por me ajudar a coletar variações, pelo apoio nas horas difíceis e por ter sido minha maior colaboradora nos passos finais dessa odisséia.

Ao secretário do PPGL Mateus Endler Rosa por toda a boa vontade e dedicação com que sempre nos ajudou durante o curso.

Aos coordenadores dos cursos aqui apresentados por sua boa vontade e colaboração.

À minha mãe por toda ajuda sem a qual eu não teria aqui chegado.

Ao meu companheiro Luciano, amigo de todas as horas e colega de caminhada, pelo apoio e paciência.

*You taught me language and my profit on't
Is, I know how to curse: the red plague rid you,
For learning me your language!*

Palavras de *Caliban*, da peça *A Tempestade*, de *William Shakespeare*.

RESUMO

Esta pesquisa visou a investigar se a variação lingüística em língua inglesa é apresentada nos materiais didáticos dos cursos de franquia e, em caso afirmativo, como ela é abordada e que tipo de variação pode ser encontrada nesses materiais. Para tanto, foram escolhidos dois cursos, um de abordagem audiolingual e outro de abordagem comunicativa, que são representados no país inteiro, dos quais foram investigados os materiais e ouvidos os coordenadores, que responderam a um questionário. Após a análise dos dados, verificou-se que a variação lingüística é abordada em ambos os cursos, porém de maneira diferente.

ABSTRACT

This research had as main goal to investigate if some language variations in English are presented in the Language School's class material and, in affirmative case, how it is accost and what kind of variation appears in those material. To do so, two Language Schools were selected. The first one – called School A- with audio lingual approach and the other – School B - with the communicative approach. These schools are representative throughout the country, with the material and a questionnaire answered by the Language School coordinator's analyses was possible to enquire the main goal of this research. After the analyses it was verified that the linguistic variation is approached in both the courses, each one in a different way.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 LÍNGUA INGLESA: DAS SUAS ORIGENS ATÉ OS NOSSOS DIAS.....	13
1.1 Origens.....	13
1.2 Expansão e colonização.....	18
1.3 Qual variedade de inglês?.....	21
1.4 O ensino de inglês como língua estrangeira.....	23
2 VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA: A LÍNGUA COMO ELA É	27
2.1 Dat's ain't the language I've learned!!!	27
2.2 Variação lingüística e modos como se apresenta.....	29
2.3 Alguns exemplos de variações lingüísticas em situações reais de uso de língua inglesa.....	34
2.3.1 Exemplos encontrados em televisão.....	35
2.3.2 Exemplos encontrados em filmes.....	38
2.3.3 Exemplos encontrados em livros.....	42
2.3.4 Exemplos encontrados em músicas.....	44
3 A PESQUISA.....	47
3.1 Caracterização das escolas.....	47
3.1.1 Escola A.....	47
3.1.2 Escola B.....	48
3.2 Procedimentos para coleta de dados.....	49
3.2.1 Questionário aplicado aos coordenadores de cursos.....	49
3.2.2 Roteiro para coleta de dados nos materiais didáticos.....	50
4 APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS COLETADOS.....	51

4.1 Respostas dos questionários.....	51
4.1.1 Escola A	51
4.1.2 Escola B	53
4.2 O que foi encontrado nos livros didáticos usados pelas escolas.....	54
4.2.1. Escola A	55
4.2.1.1 Nível Intermediário	55
4.2.1.2 Nível Avançado	56
4.2.2 Escola B	59
4.2.2.1 Nível Intermediário	59
4.2.2.2 Nível Avançado	61
4.3 Classificação das variações lingüísticas encontradas.....	62
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	67
ANEXOS.....	70

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa visou a investigar se e como a variação lingüística é apresentada nos manuais de ensino de língua inglesa de dois cursos de franquia, bastante conhecidos na região de Passo Fundo, RS, sendo um deles caracterizado pela abordagem áudio-lingual e o outro caracterizado pela abordagem comunicativa.

Quando se trabalha com ensino de línguas estrangeiras, mais especificamente com o ensino de língua inglesa questiona-se, independente da abordagem adotada, qual inglês é priorizado - o inglês padrão, ou o aprendiz também se depara com a variação lingüística e, em caso afirmativo, como isso acontece.

O tema tem interesse, uma vez que, quando em contato com a língua em contextos reais - seja vendo filmes, lendo livros, revistas ou jornais, seja ouvindo músicas, seja navegando na internet ou mesmo conversando com um falante nativo - especialmente se esse não for de origem inglesa ou estadunidense -, o aprendiz se depara com um fato que talvez não lhe seja explicado/ensinado pela instituição onde estuda língua inglesa. Isto é, a língua falada nesses diversos contextos apresenta inúmeras variações.

É preciso levar em consideração que a língua é um fenômeno social e, tal como a sociedade, está em constante mudança. E isso significa que uma mesma língua não é falada da mesma maneira por todos os seus falantes. As pessoas falam de maneira diferente conforme sua idade, classe social, sexo, escolaridade, lugar onde vive, etc. Isso é facilmente notado em língua materna, mas será que o aprendiz de língua estrangeira, no caso, o inglês, consegue observar isso?

Então, essa pesquisa justifica-se, na medida em que se pretendeu investigar os livros didáticos usados nos cursos de inglês abordam a variação lingüística e como isso é feito. E também para investigar que variedade do inglês os estudantes brasileiros estão aprendendo.

Num primeiro momento, foi feita uma breve contextualização da língua inglesa, de seus primórdios até hoje, e, em seguida, um apanhado geral do que é variação lingüística e qual o tipo de variação lingüística pode ser facilmente encontrada em contextos reais de uso da língua.

O *corpus* da pesquisa foi coletado por meio de visitas aos dois cursos de franquia de maior representatividade de Passo Fundo. O curso, aqui chamado Escola A, adota a abordagem audiolingual e o outro, Escola B, a abordagem comunicativa e foram escolhidos por existirem no país inteiro. O *corpus* foi composto por respostas a um questionário aplicado, para que fosse possível compreender como o curso funcionava, qual sua concepção de língua e como a variação lingüística era vista. Além disso fez-se uma pesquisa direta aos livros de nível intermediário e avançado usados nesses cursos, para que uma amostragem do tipo de variações encontradas fosse levantada.

Cumprida essa fase, os dados foram estudados e analisados para que se encontrasse as respostas para as perguntas que nortearam essa pesquisa: A variação lingüística em língua inglesa é abordada nos materiais didáticos usados por esses cursos de idiomas? Que tipo de variação lingüística aparece nos materiais didáticos? Como essas variações são abordadas?

É interessante frisar que essa pesquisa não visou, sob hipótese alguma, questionar ou abordar a questão das metodologias de ensino de línguas ou debater sobre o ensino de língua inglesa nos dias de hoje. As abordagens de ensino de línguas que foram aqui citadas aparecem apenas com intuito de situar estas abordagens dentro das teorias lingüísticas de onde elas vêm, o estruturalismo e o sociointeracionismo. Esta é uma pesquisa de cunho sociolingüístico que visou apenas e unicamente, observar o que ela se propôs, sem maiores ambições: verificar se a variação lingüística em inglês era apresentada aos estudantes brasileiros nos cursos de franquia, que tipos de variações foram apresentadas e como foram apresentadas.

De posse do *corpus* já referido, foi feito um estudo de caso, comparando os dados obtidos em cada escola e, posteriormente, classificando-os, com vistas a arquivar as variações encontradas para possíveis posteriores pesquisas sociolingüísticas que possam interessar-se pelo assunto, para descobrir qual

variedade de inglês é ensinada aos alunos brasileiros, uma vez que esses cursos acabam por constar entre os cursos mais procurados no país e, conseqüentemente, os cursos que formam um grande número de falantes brasileiros de inglês.

1 A língua inglesa: das suas origens até os nossos dias

Neste primeiro capítulo apresenta-se, num panorama geral, a história das comunidades lingüísticas em que o inglês tornou-se língua vernácula, assim como se destaca o crescimento do número de falantes dessa língua ao redor do mundo, devido ao colonialismo britânico e, posteriormente, ao imperialismo estadunidense.

Ainda neste capítulo, faz-se uma rápida retrospectiva da história do inglês como língua estrangeira e apresenta-se, de modo muito sucinto, as principais abordagens de ensino de inglês como língua estrangeira, para permitir uma adequada contextualização do ensino de línguas estrangeiras, a fim de facilitar a compreensão da análises dos materiais usados nos cursos de inglês.

1.1 Origens

Determinar a origem dos primórdios do inglês, assim como de qualquer outra língua, constitui uma tarefa impossível, já que essa origem está enterrada junto com o passado pré-histórico da raça humana. É possível afirmar, no entanto, que o inglês se originou do indo-europeu¹, proto-língua falada há cinco ou seis mil anos na Europa e no oeste da Ásia. Por volta de 2000 a.C, grupos falantes do indo-europeu começaram a se separar e migrar para lugares diferentes, como Índia, Ásia Menor, Grécia, Itália e outros territórios da atual Europa, originando línguas como o

¹ Segundo Walter (2001) “o indo-europeu dos lingüistas é uma língua reconstituída teoricamente a partir da comparação de línguas realmente atestadas”, ou seja, os lingüistas chamam de indo-europeu a língua que possivelmente era falada por povos da Antigüidade. Comparando línguas como o latim, o gótico, o germano, foram encontradas semelhanças, que levam a crer que todas nasceram de uma mesma língua.

sânscrito, o grego, o latim e o germânico. Do latim, evoluíram línguas como o francês, o italiano e o português; do germânico, o alemão, o inglês etc.

No princípio, o território hoje conhecido como Inglaterra, era ocupado por povos celtas, que, até cerca de 300 a.C, eram o maior povo da Europa, ocupando cerca de dois terços do continente. Durante o período de expansão do Império Romano, o território foi invadido e dominado pelos romanos, que ali permaneceram por mais de três séculos, durante os quais os dois povos mantiveram suas línguas convivendo lado a lado. Porém, com o fim da dominação romana, o território foi invadido sucessivamente por povos germânicos, vindo do leste, normandos e franceses, entre outros.

Walter (2001, p.318-319) alega que as marcas célticas no inglês são muito discretas. O vocabulário de origem céltica é muito escasso e isso é algo se estranhar, uma vez que, a autora acredita, parte da população celta era bilíngüe, pois não foi toda a população que se deslocou para o norte, o oeste e o litoral. As poucas palavras de origem celta denominam lugares e esses nomes estão sempre relacionados a coisas da natureza como em *Dover* (de *dubis*), que significa água ou *Avon*, que significa curso d'água. Também existem os compostos híbridos cujo primeiro elemento é céltico e o segundo latino, como Gloucester, Worcester. Walter ainda acredita que celtas e saxões se comunicavam com dificuldade e, por isso, existem os topônimos que combinam formas célticas e germânicas, como *brill* que é uma contração do céltico *bre* (colina) e do germânico *hill* (colina).

Ao contrário das marcas célticas, as marcas latinas no inglês são muitas. Walter (2001, p.322) acredita que não foi a presença romana no território que impôs o latim. A razão teria sido o fato de que os romanos construíram estradas e fundaram cidades onde concentrou-se o poderio econômico e político. Dentre os empréstimos latinos, podemos citar *street* (*strata*), que significa estrada, *cheese* (*caseus*), que significa queijo, *wine* (*vinum*), que significa vinho, *dish* (*discus*), que significa prato. Muito mais tarde, depois do século VI, novos empréstimos latinos surgirão com a cristianização da Grã-Bretanha, como *pope*, *monk*, *bishop*, *nun*, *verse*, *master*, etc.

De acordo com McCormitt (1979, p.1), foi por volta de 449 a.C. que os povos germânicos começaram suas invasões. Primeiro vieram os jutos, provindo da atual Dinamarca. Mais tarde, o território foi invadido pelos anglos e, a seguir, pelos

saxões, ambos originários do norte da Alemanha. Não foram invasões pacíficas: os povos celtas resistiram, mas acabaram sendo empurrados mais para o norte e o oeste (atuais Escócia, Irlanda, Irlanda do Norte e País de Gales), deixando a parte mais ao sul para os anglos, os saxões e os jutos. Juntos, esses povos, que trouxeram consigo sua própria língua - um dialeto germânico- que mais tarde viria a ser chamado de *Angleish*, criaram a *Anglo-Saxon England*, que durou até 1066, quando os franceses invadiram e conquistaram o país.

Durante o século IX, o rei saxão Alfredo, o Grande, iniciou uma nova era na história da língua inglesa: aprendeu latim e passou a traduzir textos para o *Old English*. Walter (2001, p. 326) afirma que:

Alfredo, o Grande, havia também criado e desenvolvido um grande centro de tradução em seu reino, mas também implantado mas também implantado um verdadeiro programa de alfabetização e organizado a redação de uma crônica da vida de seu tempo, única na Europa.

Com isso, Alfredo, o Grande, promoveu o inglês como língua vernácula e favoreceu a constituição de uma norma escrita. Só não foi melhor sucedido por que as invasões vikings começaram a tornar-se preocupantes e foi preciso expulsá-los para os limites do chamado *Danelaw*, onde esses povos vikings se misturaram com povos de línguas anglo-saxônicas e escandinavas. Juntos, conviveram por dois séculos. Como todas essas línguas, vivendo lado a lado, eram de origem germânica, isso facilitou a comunicação. E foi dessas línguas de origem germânica que surgiram verbos como *get, give, hit, take*; substantivos como *leg, skull, root, steak, dirt, birth*; e adjetivos como *ugly, ill, weak, low, tight*.. (Walter, 2001)

O período que iniciou em 449 a.C e encerrou em 1066 d.C é conhecido como Período Anglo-Saxão e marca o ponto chave do início da formação da língua inglesa, o *Old English*. Durante esse período – quando a Inglaterra não era um país unificado, mas dividido em pequenos reinos -, as três línguas que prestaram importantes contribuições para a formação lingüística dos anglo-saxões foram, conforme já citado, o celta, o latim e o germânico. Essas três línguas foram as principais

responsáveis pela formação do *Old English*, que é a primeira formação lingüística do inglês como língua mais próxima do inglês falado hoje.

Em 1066, os franco-normandos invadiram e conquistaram o território da atual Inglaterra, fazendo com que a história da língua inglesa acabasse por tomar outro rumo. Guilherme, o Normando, tornou-se rei da Inglaterra, onde instalou sua corte. Com isso o francês² passou a ser falado pela nobreza, nos palácios, enquanto o inglês, em suas formas diversas, continuou sendo falado nas ruas, pela plebe. A separação das duas línguas era tão nítida que falar uma ou outra chegava a ser indicativo de classe social.

Passaram-se quase cinco séculos até que os anglo-saxões conseguissem recuperar o poder. Durante esse período, a língua usada em situações importantes, na corte e na igreja passou a ser o dialeto francês falado na Normandia. O anglo-saxão continuou sendo falado pela população. Porém todos esses séculos de duas línguas sendo usadas paralelamente acabaram resultando em um número enorme de palavras francesas no vocabulário anglo-saxão. Segundo Schütz (2007):

Muito vocabulário novo foi incorporado com a introdução de novos conceitos administrativos, políticos e sociais, para os quais não havia equivalentes em inglês. Em alguns casos, entretanto, já existiam palavras de origem germânica, as quais, ou acabaram desaparecendo, ou passaram a coexistir com os equivalentes de origem francesa, em princípio como sinônimos, mas, com o tempo, adquirindo conotações diferentes.

Exemplo disso são palavras como *pig* e *pork*, respectivamente anglo-saxão e francês, sendo que o **pig**, anglo-saxão, serve para designar o animal e o *pork*, francês, serve para designar o prato feito com a carne desse animal. O mesmo acontece com *sheep* e *mutton*, *chicken* e *poultry*. E assim acontece com diversas palavras, sendo a de origem anglo-saxônica considerada menos erudita que a de origem francesa.

² Segundo Walter (2001, 332), na realidade, esse francês era o normando, e não o dialeto falado na Île-de-France que, mais tarde, adquiriu prestígio na França e na Europa, até chegar na corte inglesa, muito mais tarde.

Esse período, iniciado em 1066, marca o início do período em que se falou o *Middle English*, que durou mais ou menos três séculos (1100 – 1500). Segundo Walter (2001, p.337-340), durante o século XIII, período de expansão da língua francesa na Europa, começou a surgir na Inglaterra um crescente interesse pelo inglês, que viria a triunfar a partir do século XIV. O francês, então, passou a ser ensinado aos nobres como língua estrangeira e começaram a surgir traduções de obras francesas para o inglês. O francês só era usado na corte inglesa em situações reservadas para demonstrar cultura e elegância, e o inglês voltou a ser usado na corte como língua vernácula.

Foi uma época em que cidades começaram a se formar e em que a imprensa surgiu, favorecendo o acesso das pessoas aos livros. De fato, por volta de 1470, a imprensa foi introduzida na Inglaterra, tornando necessário o surgimento de uma variante padrão do inglês, para que houvesse uma padronização da escrita, uma vez que as palavras ouvidas na rua eram grafadas de formas distintas. O inglês do sudoeste da Inglaterra, aquele falado em Londres e nas universidades de Oxford e Cambridge, foi o que prevaleceu para essa padronização.

O surgimento do chamado *Standard English* deu origem a um movimento pela uniformização da pronúncia também. Segundo o artigo de Grigolletto (2006, p. 56),

esse fenômeno, aliado à reestruturação da sociedade inglesa em classes sociais, a partir do crescimento da economia de mercado no século XVI, provocou a tentativa de estabelecimento de um padrão associado à classe dominante e o desprestígio dos dialetos regionais.

Entre os séculos XVI e XVII, surgiu, em algumas regiões da Europa, o conceito de estado nacional e de língua nacional, esta última necessária para expressar, numa visão idealista, a grandeza da nação. Foi quando o inglês começou a tomar contornos de língua nacional, primeiro na Inglaterra e, mais tarde, na imposição aos países onde se falavam línguas celtas: Escócia, Irlanda e País de

Gales. Esse inglês, conhecido como *Modern English*, é o que mais se aproxima do inglês falado nos dias de hoje.

Foi, também, nessa época que a língua inglesa começou a despontar como língua internacional.

1.2 Expansão e colonização

No final do século XVI, a língua inglesa foi levada, pela primeira vez, das Ilhas Britânicas para outro continente. Ela foi para os Estados Unidos com os colonizadores britânicos que para lá partiram. A partir daí, começa a história da língua inglesa como língua internacional, pois foi depois disso que ela começou a se espalhar pelo mundo: primeiro, pelo colonialismo britânico; mais tarde, pelo imperialismo estadunidense. Confirmam-se as palavras de Grigoletto sobre o assunto:

O subsequente estabelecimento de colônias permanentes em terras americanas foi o primeiro estágio decisivo na expansão e internacionalização do inglês. O processo de colonização que se estendeu por mais de 300 anos fez com que o inglês fosse levado também ao Canadá, Caribe, Índia e outros territórios do sul da Ásia (Bangladesh, Paquistão, Sri Lanka, Nepal, Butão), à Austrália e Nova Zelândia, a partes da África (África do Sul, Quênia, Nigéria, Uganda, Tanzânia, entre outros) e do sudoeste asiático (Cingapura, Hong Kong, Malásia, Papua Nova Guiné e alguns territórios menores). A expansão da língua foi tão expressiva que, de um número estimado de 5 a 7 milhões de falantes do inglês como primeira língua no início do século XVII, a cifra saltou para aproximadamente 250 milhões três séculos e meio mais tarde. (2006, p.57)

Com a colonização britânica, o inglês se difundiu pelo mundo. Boa parte das colônias, na realidade, eram colônias privadas, também chamadas *colônias por decreto*. A Coroa inglesa concedia um domínio para uma companhia privada, que ficava responsável por toda atividade comercial no lugar. Porém essas companhias

não tinham o menor interesse em desenvolver a educação em seus domínios. Quem se encarregava disso eram as missões protestantes que, diferentemente das missões católicas, procuravam catequizar os nativos em sua língua materna, em vez de lhes ensinar apenas o inglês. (Lacoste e Rajagopalan, 2005, p. 8-9)

As colônias britânicas sempre deram grande importância aos jornais e sempre tiveram grande respeito pela liberdade de imprensa. Desde o início do século XIX, jornais eram escritos e publicados em inglês nessas colônias.

As línguas faladas nas colônias misturaram-se ao inglês dos colonizadores, criando um inglês diferente do inglês falado na Inglaterra.

Crystal (2004) informa que hoje em dia o inglês é falado como primeira língua no Reino Unido, Irlanda, Estados Unidos, Canadá, África do Sul, Austrália, Nova Zelândia e em alguns países do Caribe. Em Gana, Nigéria, Índia, Singapura e Vanuatu o inglês é usado em áreas administrativas. Países como Índia e Cingapura, depois de conquistarem a independência, preferiram escolher o inglês como língua oficial, devido à dificuldade de escolher entre os diversos dialetos locais, mas desenvolveram um inglês com características próprias. Mais de cem países tratam o inglês como língua estrangeira e, na maioria desses países, ele é usado como língua estrangeira principal. Cerca de oitocentos milhões de pessoas falam o inglês como primeira ou segunda língua. Não se sabe ao certo o número de falantes de inglês como língua estrangeira, mas estima-se que mais ou menos um bilhão de pessoas esteja estudando inglês ao redor do mundo. Estima-se que cerca de um quarto da população mundial entenda inglês.

Durante o período entre as duas grandes guerras mundiais, a língua inglesa começou a ser difundida através de meios de comunicação como rádio, cinema e imprensa escrita. Sem dúvida, isso também ocorreu devido ao crescimento do poderio econômico e militar dos Estados Unidos. Nos anos que se seguiram à Segunda Guerra Mundial, o inglês se expandiu devido à influência político-cultural dos Estados Unidos que crescia gradativamente. (Lacoste e Rajagopalan, 2005).

Atualmente, o principal fator de expansão da língua inglesa é a internet, pois é sabido que, dentro da rede mundial de computadores, a língua inglesa é a mais encontrada em *sites* e em *webpages* e isso é um importante elemento para que o inglês esteja cada vez mais ativo na vida das pessoas, mesmo as que não o usam

como primeira língua ou língua materna. A procura por informações na internet é muito grande e muita informação pode ser encontrada em língua inglesa, daí a necessidade de conseguir usá-la para esse fim.

Segundo Rajagopalan (2005), o inglês é a língua padrão do mundo nos dias de hoje. É uma das línguas mais faladas e que mais tende a crescer, devido ao poderio militar e à hegemonia econômica dos países que têm o inglês como língua nativa, especialmente os Estados Unidos.

É uma língua de grande difusão internacional. Prova disso são o cinema e os programas de TV vindos dos Estados Unidos, cada vez mais populares ao redor do mundo; a música, a imprensa, a política e, principalmente, a Internet, veículo de maior circulação da língua inglesa no mundo atual. Além disso, o inglês é a língua usada nos aeroportos, é a língua usada para comunicação internacional, é a língua usada pela União Européia, que engloba cerca de 30 estados com línguas diferentes, em que o inglês é a língua de uso comum.

Para Crystal (2004, p.23):

O poder político emergiu sob forma do colonialismo, que levou o inglês pelo mundo desde o século XVI, de modo que no século XIX a língua era uma “sobre a qual o sol nunca se põe”. O poder tecnológico está associado à Revolução Industrial dos séculos XVIII e XIX, quando mais da metade dos cientistas e inventores que fizeram aquela revolução trabalhava usando o inglês, e as pessoas que viajavam para a Grã-Bretanha (e para os EUA mais tarde) a fim de aprender as novas tecnologias tinham inevitavelmente de fazê-lo em inglês. O século XIX viu o crescimento do poder econômico dos Estados Unidos, ultrapassando com rapidez a Grã-Bretanha, com o crescimento espantoso de sua população acrescentando muito ao número de falantes de inglês do mundo. [...] E no século XX vimos o quarto tipo de poder, o poder cultural, manifestando-se em quase todas as instâncias da vida, através das esferas de influência principalmente norte-americanas.

Estima-se que, atualmente, um quarto da população mundial seja falante (nativo ou não) de inglês e, consiga se comunicar fluentemente nessa língua. Como língua estrangeira ensinada em escolas ao redor do mundo, o inglês é uma das mais

difundidas. No Brasil não é diferente. Mesmo com todos os países vizinhos sendo falantes de espanhol, o inglês continua sendo uma das línguas mais oferecidas como língua estrangeira pelas escolas.

Também o número de cursos de línguas, oferecendo o inglês como opção, parece superar o número de cursos de línguas que oferece o espanhol. Até encontramos cursos, especialmente os cursos de franquias, em que o espanhol também é oferecido. Contudo é mais fácil encontrar um curso onde se ofereça exclusivamente o inglês do que qualquer outra língua. Isso parece significar que a procura pelos cursos de inglês é maior. O que, provavelmente, se justifica pela necessidade de se falar uma língua estrangeira, especialmente a língua inglesa.

No entanto, apesar de tantos *ingleses* diferentes falados ao redor do mundo, os cursos de línguas parecem optar necessariamente ou pela variedade britânica ou pela variedade estadunidense para ensinar aos seus alunos.

1.3 Qual variedade de inglês?

Nos Estados Unidos, o inglês evoluiu de forma diferente do inglês falado na Inglaterra: teve contato com as línguas faladas no novo continente e, a partir daí, evoluiu diferentemente do inglês que continuou sendo falado no continente deixado para trás, mantendo formas do século XVIII, por exemplo, que desapareceram do inglês falado na Inglaterra, e ganhando palavras novas referentes ao novo mundo encontrado. Acabou, com o passar do tempo, resultando em diferenças de pronúncia, vocabulário e formas gramaticais.

Por outro lado, o inglês britânico também evoluiu com o contato das línguas faladas naquele território, assim como seu vocabulário se expandiu com as novas situações socioeconômicas que enfrentou, da Revolução Industrial à Segunda Guerra Mundial.

Apesar de existirem diferenças no inglês falado dentro dos Estados Unidos, afinal a língua muda conforme a região, essas diferenças não são assim tão grandes. (WALTER, 2001) E existe uma busca das classes dominantes no sul dos Estados

Unidos pelo chamado *general american*, que seria um inglês comumente falado no país inteiro, diferente do inglês falado na Inglaterra, só que padronizar esse inglês não é possível pelo fato dos Estados Unidos ser um país muito grande e com várias etnias diferentes que acabam por falar um inglês diferente em cada parte do país. Sobre o *general american* Walter (2001, p.350) observa:

Essa concepção, que os dialetólogos contestam por julgá-la simplificador demais, permite porém evidenciar alguns traços particularmente freqüentes na maioria dos habitantes dos Estados Unidos, e constitui de alguma maneira uma norma de uso, a que é utilizada na mídia audiovisual. É também chamada *network english* ou *standard american english*, ou ainda, *network standard*.

Ou seja, o que é considerado norma padrão nos Estados Unidos é a língua usada pelos meios de comunicação. Diferente da Inglaterra onde a norma padrão é o chamado *inglês da rainha*.

Durante os séculos XIX e XX, na Inglaterra, a pronúncia foi muito estigmatizado, chegando ao ponto de ser indicativo de classe social e assim continua sendo até hoje, em todo lugar. As classes dominantes inglesas zelavam pela chamada *received pronunciation*, que correspondia à fala das pessoas cultas de Londres e do sudoeste da Inglaterra, e não usar essa pronúncia era motivo de estigmatização social. Hoje ela caiu em desuso pelos jovens, apenas três por cento da população de Londres a usa, mas é a *received pronunciation* que é ensinada aos estudantes estrangeiros que estão aprendendo inglês. (Walter, 2001, p.355)

As diferenças entre o inglês britânico e o inglês estadunidense não são tão grandes assim. Ficam no campo da pronúncia, do vocabulário e das formas gramaticais. Existem algumas diferenças ortográficas como o caso do *-our/ -or*, por exemplo: na Inglaterra se escrever *colour, flavour*, enquanto nos Estados Unidos se escreve *color, flavor*; ou o caso do *-re/ -er*, do *centre, theatre* do inglês britânico contra o *center, theater* do inglês estadunidense; entre outras. Relativamente a diferenças de vocabulário podem-se citar alguns exemplos como o famoso caso das batatas fritas que em inglês britânico são chamadas de *chips*, enquanto em inglês

estadunidense são chamadas de *french fries*. Existem diversos outros exemplos como *rubber/ eraser* (borracha), *lorry/ truck* (caminhão), *postman/mailman* (carteiro), sendo, respectivamente, as primeiras exemplos de inglês britânico e as últimas exemplos de inglês dos Estados Unidos.

Também pode ser citado o caso do *present perfect* que é usado na Inglaterra pra indicar uma ação que aconteceu no passado e ainda afeta o presente. “*I’ve lost my key. Can you help me look for it?*”, por exemplo, nos Estados Unidos seria “*I lost my key. Can you help me look for it?*”

Os cursos de inglês ensinarão uma variedade ou outra, conforme a opção por ensinar inglês britânico ou estadunidense. Mas será que as outras variedades que existem serão apresentadas ao aprendiz? Será que ele vai saber, no caso de, por exemplo, estar aprendendo a variedade estadunidense, que existem diferenças no inglês britânico? Que existem diferenças no inglês falado em outros lugares, como Austrália ou África do Sul?

1.4 O ensino de inglês como língua estrangeira

Depois do fim da Segunda Guerra Mundial, devido à influência política e cultural dos Estados Unidos no plano mundial, o ensino de inglês como língua estrangeira começou a crescer e a se propagar pelo mundo. Desde então, passou a ser difundido pelo mundo através de diversas abordagens de ensino provenientes de diferentes teorias de ensino. Aqui, entretanto, serão citadas e comentadas apenas duas, por se tratar das abordagens mais usadas em cursos no Brasil: a Abordagem Audiolingual e a Abordagem Comunicativa.

A Abordagem Audiolingual surgiu na década de 40, como uma reação contra a Abordagem da Leitura³. Foi desenvolvida durante a Segunda Guerra Mundial pelo exército estadunidense, para que se fosse possível conseguir um grande número de soldados falantes fluentes de língua estrangeira no menor espaço de tempo possível.

³ Abordagem cujo objetivo era desenvolver no aprendiz o gosto pela cultura e literatura do povo falante nativo da língua estudada tornava o desenvolvimento da língua secundário. Era voltada apenas para que o aluno aprendesse a ler em língua estrangeira. (LEFFA, 1988)

Contrataram lingüistas, reduziram turmas ao tamanho ideal e passaram a estudar nove horas por dia durante um período de seis a nove meses.

O método tinha ênfase na língua oral: o aluno primeiro deveria aprender a falar e ouvir, para só depois aprender a escrever e ler. Partia-se do princípio de que aprender a ler antes ou durante o momento em que se aprendia a falar, fazia o aluno confundir a palavra escrita com a palavra falada, errando a pronúncia. O uso do diálogo era preferido por ser a língua cotidiana. Uma pronúncia perfeita era esperada. Os aprendizes deviam desenvolver pronúncia próxima à dos falantes padrão nativos; então, gravavam-se esses falantes nativos que depois eram ouvidos em aula até que a sua pronúncia se assemelhasse ao máximo da pronúncia apresentada nessas gravações. *Língua é fala, não escrita*, era o que se defendia.

Dentro de uma perspectiva behaviorista, a língua era vista como um conjunto de hábitos que se adquire através de estímulo – resposta. Por isso essa abordagem trabalhava com muitos exercícios de repetição, visando a que o aluno conseguisse uma resposta automática. E havia uma preocupação enorme com os possíveis erros que o aluno pudesse vir a cometer, porque o erro era visto não como uma hipótese que vai levar ao aprendizado, mas como algo que vai ficar gravado e que o aluno continuará repetindo. Ou seja, acreditava-se que, se o aluno errava, ele continuaria errando, porque iria decorar o próprio erro. A preocupação com o erro era tão grande que se comparava a língua materna do aluno com a língua que ele estava aprendendo para prever os possíveis erros que o aluno poderia cometer e, assim, evitar que isso acontecesse.

Também se priorizava o *ensinar a língua e não sobre a língua*. Isso significa que o ensino de gramática não era prioridade. Gramática era ensinada indutivamente. A língua que o aprendiz deveria aprender era aquela que era falada pelos falantes nativos de padrão culto. Se algo que um falante nativo do padrão culto pronunciasse, não concordasse com o que a gramática dizia, então ensinava-se como o falante culto dizia, e não segundo a gramática.

A Abordagem Audiolingual trouxe um caráter de ciência para o ensino de línguas, por haver lingüistas entre os desenvolvedores do método e, por décadas, foi a abordagem mais usada no ensino de línguas estrangeiras.

Segundo LEFFA (1988), também ela não foi muito bem sucedido na prática:

Os alunos que aprenderam pela abordagem audiolingual pareciam apresentar as mesmas falhas de aprendizes de métodos anteriores: no momento em que se defrontavam com falantes nativos, em situações reais de comunicação, pareciam esquecer tudo o que tinham aprendido na sala de aula.

A partir dos anos 70, uma resistência à Abordagem Audiolingual começou a crescer e a ficar cada vez mais forte. Porém nenhuma das outras abordagens que vieram depois trouxe uma alternativa à Abordagem Audiolingual.

A Abordagem Comunicativa surgiu anos depois do declínio da Abordagem Audiolingual e parece estar assumindo, na mesma proporção, o lugar que a Abordagem Audiolingual ocupou no ensino de línguas estrangeiras.

A Abordagem Comunicativa surgiu na Europa, fruto de estudos sociolingüísticos e semânticos focados no discurso. A língua é concebida como um conjunto de eventos comunicativos. O aluno deve aprender como usar e o que fazer com a língua, e não a descrever a língua. O aluno deve aprender a fazer uso da linguagem adequada à situação de fala.

Segundo Stefanello (2007, p.38)

é possível afirmar que a abordagem comunicativa ainda sofre um processo de construção didático-metodológica, não há métodos formalizados, apenas abordagens diversificadas, já que o próprio conceito de competência comunicativa sofreu grande evolução a partir da visão sociointeracionista na linguagem.

A Abordagem Comunicativa tem como teoria lingüística de suporte a teoria dos eventos de fala de Hymes juntamente com as teorias sociointeracionistas que se fundamentam em Bakhtin e em Vygotsky, o que significa que essa abordagem enfoca o uso da língua adequado à situação de comunicação em que está inserida.

As quatro habilidades - falar, ler, ouvir e escrever - são igualmente importantes. Materiais autênticos são criados priorizando o uso real da língua até em relação aos ruídos, sotaques, dicções imperfeitas, etc. Os textos escritos são os mesmos gêneros de texto a que os falantes nativos estão expostos normalmente. Prioriza-se o *uso real da língua*.

No geral, tanto a Abordagem Audiolingual quanto a Abordagem Comunicativa – que constam entre as duas mais usadas atualmente no ensino de inglês no Brasil (ao menos no que diz respeito às escolas de franquias, mas trataremos disso mais adiante) - priorizam o que chamam de *uso real da língua*, ou seja, o inglês usado em situações reais de comunicação.

2 Variação lingüística: a língua como ela é

Uma vez que já foi comentado a respeito da língua inglesa, será abordado, agora, a variação lingüística, pois, se este trabalho visa a investigar a respeito do uso da variação lingüística nos manuais de ensino de língua inglesa, será, então, necessário fazer um panorama geral para uma melhor compreensão do que é a variação lingüística, assim como procurar mostrar alguns exemplos de variações lingüísticas em língua inglesa que podem ser encontradas em contextos autênticos de uso da língua, ou seja, na língua falada nas ruas, no cinema, na literatura popular, na televisão.

2.1 Dat's ain't the language I've learned!

Como veremos nas seções posteriores, cursos que ensinam língua inglesa, no geral (e, possivelmente, os cursos usados como fonte desta pesquisa), dão ênfase ao ensino do inglês usado ou na Inglaterra, ou nos Estados Unidos. A questão é saber se o inglês ensinado nesses cursos abrange apenas a norma padrão, ou se também são focalizadas formas de menor prestígio, as quais serão encontradas no exato momento em que o aprendiz entrar em contato com situações reais de uso da língua.

Santipolo (2002, p. 107) afirma que:

Com exceção única das chamadas línguas *mortas*, todo código lingüístico é sujeito a numerosos fenômenos variacionais. É importante compreender que a variação (e seu resultado, que é a

variedade) é um fenômeno fisiológico, constitutivo de linguagem, não patológico ou a ser desprezado.⁴

Ou seja, a variação é um fenômeno inerente à língua e que precisa ser levado em consideração, não ignorado ou tratado como erro. E esse pensamento é algo que começa a ser, em geral, considerado no trabalho com língua materna, resta saber se em língua estrangeira ele pode e/ou é tratado da mesma maneira.

Há alguns anos, não era tão fácil para o aprendiz de língua estrangeira entrar em contato com a língua-alvo em situações reais de comunicação, como o é hoje em dia, com o uso cada vez mais popular da internet, TV a cabo e meios de comunicação em geral, que se tornam cada vez mais fácil. (CRYSTAL, 2004) Hoje basta se conectar à internet para poder conversar com pessoas de todas as partes do mundo. Muitas vezes o inglês acaba se tornando a língua veicular para esse tipo de comunicação, especialmente quando as pessoas falam línguas diferentes e acabam optando pelo inglês como língua intermediária. Outras vezes acaba-se por conversar com falantes nativos de inglês mesmo. Em outras situações, ainda, assiste-se a um filme sem legendas, ou ouve-se uma música, ou, mesmo, lê-se um texto no original. E, nessas situações de comunicação, é que o aprendiz percebe que existem outras maneiras de falar a língua-alvo, diferentes daquela aprendida no curso de línguas. Algumas vezes, esse mesmo aprendiz retorna ao curso e questiona o professor sobre a forma diferente de falar inglês que ele percebeu na TV ou conversando com alguém na internet, para ouvir como resposta que tal forma é simplesmente “errada”. O que, na melhor das hipóteses, vai fazer o aprendiz duvidar da capacidade de seu professor. Afinal, como pode ser errada se foi pronunciada por um falante nativo (no caso da TV ou da música, por exemplo)?

Segundo Labov

É comum para uma língua ter várias formas diferentes de dizer ‘a mesma’ coisa. Algumas palavras como carro e automóvel

⁴ Tradução feita, de forma livre, pela autora, do original: *Con l'unica eccezione del caso delle cosiddette lingue <<morte>>, tutti i codici linguistici sono soggetti a numerosi fenomeni variazionali. È importante comprendere che la variazione (e il suo risultato, cioè la **varietà**) è un fenomeno fisiologico, costitutivo del linguaggio, non patologico o da disprezzare.*

parecem ter os mesmos referentes; outras têm duas pronúncias, como trabalhando e trabaiano. Existem opções sintáticas como Com quem ele está falando? vs. Para quem ele está falando? ou É fácil para ele falar vs Para ele é fácil falar. Em cada caso, temos o problema de decidir o lugar desta variação na estrutura lingüística.⁵ (1972)

O que acontece é que os livros didáticos tem o hábito de privilegiar uma única forma da língua, ao se trabalhar com línguas. No caso, tende-se a privilegiar a forma de maior prestígio, a língua padrão, em detrimento das outras formas que não possuem o mesmo prestígio.

Os contextos autênticos de uso da língua que os cursos pesquisados trazem são contextos autênticos de uso da língua-padrão. Porém a língua padrão não pode ser usada em todos os contextos, afinal a linguagem escolhida para ser usada em situação de comunicação depende de muitos fatores, entre eles, do contexto e do grupo lingüístico inserido nesse contexto. Então, muitas vezes, a situação vai exigir formas diferentes das da norma padrão. Ainda se está falando de inglês, mas de formas diferentes do inglês-padrão. A essas formas dá-se o nome de variação lingüística.

2.2. Variação lingüística e modos como se apresenta

Todas as línguas são heterogêneas e diversificadas. Existem formas diferentes para se dizer a mesma coisa. No entanto, em geral, essas formas diferentes não impedem que os membros de uma mesma comunidade social se comuniquem e se entendam.

Dentre essas variedades lingüísticas, uma acaba impondo-se sobre as outras e passa a fazer parte da variedade padrão ou *Standard*. De um ponto de vista

⁵ Tradução feita, de forma livre, pela autora, do original: “*It is common for a language to have many alternate ways of saying ‘the same’ thing. Some words like car and automobile seem to have the same referents; others have two pronunciations, like working and workin’. There are syntactic options such as Who is he talking to? vs. To whom is he talking? or It’s easy for him to talk vs. For him to talk is easy. In each of these cases, we have the problem of deciding the place of this variation in linguistic structure.*”

estritamente comunicativo, essa variedade padrão não é melhor ou mais eficaz que as outras, mas, por ser associada à escrita e a conteúdos de prestígio, ela passa também a ter um maior valor funcional e mais prestígio, até mesmo com os falantes das outras variedades. Gnerre (2003, p.6-7) afirma que uma variedade lingüística costuma valer o que seus falantes valem: tem a mesma importância que eles têm em relações econômicas e sociais, assim como o mesmo grau de poder e autoridade. O grupo social de maior poder econômico e político é o que impõe sua língua. Porém isso não faz com que as outras variedades deixem de existir. Elas continuam sendo faladas e retratam as diferenças sociais. As outras variedades lingüísticas não possuem o mesmo prestígio e tampouco são bem vistas, como a variedade padrão. Mas, ainda assim, elas estão arraigadas e perduram. No final das contas, com o passar dos anos, estas variedades de menor prestígio serão aceitas pela coletividade de maneira gradual, constante e inconsciente até serem incorporadas pela escrita. E, mesmo antes de serem incorporadas pela escrita, é possível encontrar exemplos de formas menos prestigiadas de falar na literatura, por exemplo. Isso será mostrado mais adiante.

Segundo MOLLICA (2004):

A variação lingüística é uma das características universais das línguas naturais que convive com forças de estabilidade. Aparentemente caótica e aleatória, a face heterogênea imanente da língua é regular, sistemática e previsível, porque os usos são controlados por variáveis estruturais e sociais. Eles podem ser agentes internos ou externos do sistema lingüístico. p. 28

A variação lingüística não é ilimitada, porque ela é também determinada pela “lógica” interna da língua. Qualquer variação de uma mesma língua vai seguir uma lógica interna que corresponde a um sistema existente dentro da língua em questão, seja ela qual for. É esse sistema que, em Português, por exemplo, impede o surgimento de variações como “o meninos”, mas torna comum o surgimento de variações como “os menino”. Uma marca de plural é o suficiente para ser entendido que se está falando de mais de um menino, porém essa marca vai aparecer no artigo e

não no substantivo. Em inglês, poderia ser citado o exemplo da terceira pessoa do singular, onde se acrescenta *s* no final do verbo (*he does*, por exemplo): um falante pode até não usar o *s* no final do verbo na terceira pessoa (*he do*), mas usar o *s* no final do verbo em qualquer outra pessoa jamais acontecerá (*you does, we does*).

São essencialmente os fatores externos – sociais – que influenciam a variação. Eles podem ser a idade do falante, se o falante é homem ou mulher, sua raça, sua profissão, a posição que ocupa na sociedade, seu grau de escolaridade, etc.

Segundo Carvalho (1967, p.301):

Se tomarmos, com efeito, uma comunidade lingüística homogênea, cujos membros disponham de técnicas lingüísticas praticamente idênticas, e aí observarmos cada um desses membros no seu atuar lingüístico, verificaremos que eles não falam sempre do mesmo modo, variando este segundo as circunstâncias que momentaneamente determina ou condicionam os seus atos. O mesmo indivíduo exprime-se de forma diversa quando está em família ou entre íntimos; num encontro profissional ou numa reunião de sociedade, onde a etiqueta lhe exige uma forma de comportamento mais vigiada, na qual todos os movimentos, gestos e palavras devem ser medidos; numa conversa descontraída sobre o tempo e os desportos ou numa conferência sobre literatura ou política ou filosofia; conforme se dirige a um superior, a um igual ou a um subordinado, perante os quais, guardando sempre a mais perfeita cortesia, é apesar de tudo variável o seu modo de comportar-se.

Por facilidade, a sociolingüística tende a simplificar a classificação da variação lingüística em diatópica, diastrática, diacrônica e diafásica. A variação lingüística acontece nos níveis fonológico, morfológico, sintático, semântico e lexical de uma língua.

A variação diatópica é a variação da língua em função do lugar. Significa que a língua muda de um lugar para o outro. Num mesmo país, fala-se de um jeito num local e de outro jeito em outro local. Nos Estados Unidos, por exemplo, basta ser um ouvinte ou leitor mais atento para notar que nos Estados do sul e nos Estados do norte se fala de maneira distinta. Da pronúncia a expressões completas.

Inglaterra, Estados Unidos, Austrália e outros países que têm o inglês como língua materna também falam de maneira diferente. Essas diferenças se encontram em todos os níveis: fonológico, morfológico, sintático e semântico. E ainda assim estamos falando da mesma língua: inglês. Como exemplo, podemos citar o caso de metrô, que, nos Estados Unidos, é conhecido como *subway* e, na Inglaterra, como *underground*.

Sobre a variação diatópica, Camacho (2005, p.58) afirma:

Como é verdadeiro que o domínio de uma língua deriva do grau de contato do falante com outros membros da comunidade, também é verdadeiro que quanto maior o intercâmbio entre os falantes de uma língua, tanto maior a semelhança entre seus atos verbais. Dessa tendência para a maior semelhança entre os atos verbais dos membros de uma mesma comunidade resulta a *variação geográfica*.

Ou seja, quanto mais próxima uma comunidade lingüística da outra, mais semelhante é seu modo de falar. Quanto mais distante, mais diferente. Os membros de uma mesma comunidade tendem a falar de maneira mais parecida com seus compatriotas do que falantes de fora dessa comunidade. Isso é o que Herculano de Carvalho (1967, p.. 297-298) salienta:

Ao fator geográfico se deve a existência das variedades lingüísticas que se costumam designar por *dialetos* e *falares*. A razão de ser destas variedades encontra-se naturalmente em que, através de gerações sucessivas, os habitantes da mesma localidade – cidade, vila ou aldeia -, de uma região ou província orientada política, econômica e culturalmente para um mesmo centro (capital de província ou de diocese, por exemplo), constituindo assim uma comunidade menor, geograficamente delimitada, no seio de outra mais extensa (comunidade nacional), desenvolveram modos de atuação que lhes são peculiares e os individualizam, distinguindo-os dos habitantes de outras regiões, de outras localidades.

A variação diastrática é a variação social de uma língua. Dentro de uma mesma sociedade a maneira de se falar muda de um grupo social para outro. Por exemplo, nos Estados Unidos, podemos citar a cidade de Nova Iorque e falarmos

sobre a maneira como se fala em Manhattan (condado de elite), a maneira como se fala no Brooklin (condado de classe média) e a maneira como se fala no Harlem (condado de periferia negra). Um leitor ou ouvinte mais atento notará, ao ler um livro ou assistir a um filme, que existe uma diferença grande entre os falares provenientes dos lugares citados. Mesmo sabendo que se trata da mesma cidade. Outros exemplos caberiam aqui, como o Cockney, que é a linguagem usada pela classe operária londrina, ou o Ebonics, que é uma linguagem falada por afro-americanos nos Estados Unidos.

Sobre a variação diastrática, Camacho (2005, p.58) comenta:

Como o grau de semelhança entre as formas de expressão dos membros de uma comunidade lingüística é proporcional ao grau de intercâmbio social que mantêm entre si, a *variação sociocultural* deriva da tendência para a maior semelhança entre os atos verbais dos indivíduos participantes de um mesmo setor socioeconômico e cultura. As diferenças lingüísticas são motivadas por diferenças de ordem socioeconômica, como nível de renda familiar, grau de escolaridade, de ordem sociobiológica, como idade e sexo, de ocupação profissional, entre outros, sejam esses fatores isolados ou combinados entre si.

Os fatores socioculturais são razões para a fala das pessoas se assemelharem. Quanto menor as diferenças sociais, culturais e econômicas dos falantes, mais parecida será a sua maneira de falar. Somente pertencer ao mesmo lugar não implica que as pessoas vão falar da mesma maneira. É o que Herculano de Carvalho explica:

Não é só de lugar para lugar que os modos de falar variam: numa só localidade, num âmbito geográfico restrito, os indivíduos que aí nasceram e se criaram não falam todos da mesma maneira ou, para nos exprimirmos com mais exatidão, não possuem todos a mesma técnica lingüística. Nestas condições, o fator essencial da diversidade é específica e essencialmente de natureza social: o indivíduo aprende a falar no seu meio – na família e, mais latamente, na sua ‘classe’ ou ambiente social -. Caracterizado por costumes, normas e convenções, isto é, por padrões culturais e portanto lingüísticos diferentes dos que regem os indivíduos pertencentes a outro meio social.

A variação diacrônica é a variação da língua em relação ao tempo. São as mudanças que ocorrem numa mesma língua com o passar dos anos, de geração para geração. Em língua portuguesa, poderíamos citar o exemplo da palavra *você* que se originou de uma corruptela de *vossa mercê*. Raramente se usa o pronome *vos* hoje em dia. Em inglês, isso acontece com pronomes como *thou* e *thee*, que caíram em desuso.

A variação diafásica, segundo Herculano de Carvalho (1967), é a variação de estilo ou de registro, que é a adequação à situação de fala. O falante escolhe a variante, que vai usar conforme a formalidade da situação em que se encontra. É sujeita ao contexto situacional onde a língua é empregada, aos participantes do evento comunicativo e à função da mensagem.

A variação de estilo está relacionada ao fato de o falante saber que variedade da língua ele deve usar, de acordo com a situação em que se encontra. Escolher a variedade adequada à situação de fala e ao contexto em que o falante se encontra é o que o falante faz diante das diversas situações diferentes, em comunidades diferentes, em que ele se insere no decorrer de seu dia. Em casa ou em situações informais falará de forma diferente da forma que usará no trabalho ou em outras situações formais, por exemplo. Essa competência diminui à medida que se “desce” na escala social.

2.3. Alguns exemplos de variações lingüísticas facilmente encontrados em situações reais de uso de língua inglesa

Aprendizes de língua inglesa que viajaram para países onde o inglês é a língua oficial disseram “ter estranhado” o fato da língua ser diferente da variedade que lhes fora ensinada. Notaram, entre outros detalhes, que as pessoas não costumam usar o auxiliar “do” para fazer perguntas, como lhes fora ensinado nos cursinhos de inglês. Claro que, com o tempo, se acostumaram com a forma diferente que as pessoas usavam, pois já conheciam esse uso da televisão ou de uma música, ou, mesmo, da literatura.

A seguir, serão examinados alguns exemplos⁶ de variação lingüística em língua inglesa, comumente encontrados na televisão, no cinema, na música e na literatura. Serão apenas alguns exemplos, apresentados para ilustrar o que o aprendiz pode encontrar, ao entrar em contato com a língua em seu uso real, não fazendo parte do *corpus* desta pesquisa.

2.3.1 Exemplos encontrados na televisão

O primeiro exemplo apresentado a seguir foi recortado da série televisiva *The Simpsons*, do cartunista Matt Groening, desenho animado apresentado na programação do canal fechado Fox, no ar desde 1989; o outro provém da série televisiva *Friends*, *sitcom*⁷ apresentada na programação do canal fechado Warner Bros, criada por Marta Kauffman, David Crane e Kevin S. Bright, no ar entre os anos de 1994 a 2004.

The Simpsons é focada nas aventuras de uma típica família suburbana do meio-oeste dos Estados Unidos. Homer Simpson, o patriarca, é inspetor de segurança da Usina Nuclear de Springfield. Sua esposa, Marge, é uma dona de casa estereotipada. O casal tem três filhos: Bart, um garoto rebelde de dez anos; Lisa, uma menina-prodígio de oito e Maggie, que é apenas um bebê. Apesar de a família Simpson ser a protagonista da série, existe uma diversidade muito grande de outros personagens que aparecem. Entre eles, o valentão da escola, Nelson, que aparece no segundo diálogo abaixo, e o Mr. Burns, dono da Usina Nuclear de Springfield onde Homer trabalha e homem mais rico e poderoso da cidade.

Os diálogos foram ambos tirados do episódio *Bart, the mother*, que foi o terceiro a ser apresentado durante a décima temporada, entre os anos de 1998 e 1999. Nesse episódio, Nelson consegue uma arma e convence Bart a usá-la, matando, sem querer um pássaro, o qual deixa um ninho com dois ovos, do qual Bart, com remorso, passa a tomar conta.

⁶ Todos os exemplos serão apresentados em inglês, seguidos da tradução feita por mim, de forma livre.

⁷ Abreviação de *situation comedy*. Séries de televisão que apresentam personagens comuns, vivendo situações de humor em ambientes comuns. Em geral, são gravados diante de platéia ao vivo e com aquelas risadas características, embora essa não seja uma regra.

HOMER: Mail call! Gather 'round, everyone! All right, one for... resident.
 MARGE: That's me!
 HOMER: Well, that's it.
 BART: One *stinkin'* letter? Why'd you make us gather 'round like that?
 HOMER: I needed my power fix.
 (HOMER: *Correio! Todo mundo aqui! Tudo bem, uma para... residente.*
 MARGE: *Sou eu!*
 HOMER: *Bem, era isso.*
 BART: *Uma carta horrível? Por que você nos fez vir aqui para isso?*
 HOMER: *Precisei estabelecer meu poder.*)

Nesse primeiro diálogo podemos notar duas variações no nível fonético: 'round e stinkin'. Há omissão, respectivamente, do *a* de *around* e o *g* de *stinking*. A série apresenta essas variantes como sendo diastráticas, pois não aparecem na fala de personagens mais intelectualizados (como Lisa) ou de classe social superior (como Mr. Burns). Mas podem ser ditas por Homer e Bart Simpson, que representam uma categoria social menos favorecida, se comparados à categoria de Mr. Burns ou menos culta se comparados à Lisa Simpson.

No exemplo a seguir encontramos um diálogo entre Bart e Nelson:

NELSON: *Bet you can't hit that bird from here.*
 BART: *Are you crazy? I don't want to shoot a stupid bird.*
 NELSON: *That's 'cause you know you can't. You're not a super-stud like me!*
 BART: *Am too!*
 NELSON: *Are not! You're an octo-wussy. Whoa, look at me, I'm Bart Simpson! I'm scared to use a gun! I'm gonna marry Milhouse! I walk around like this.*
 BART: *Hey, quit it! Hmm...*
 (NELSON: *Aposto que você não consegue acertar aquele pássaro daqui..*
 BART: *Está maluco? Não quero atirar num pássaro idiota.*
 NELSON: *É por que você não consegue. Você não é um super-garanhão como eu!*
 BART: *Sou sim!*
 NELSON: *Não é! Você é um grande boiola. U-hu, olhe pra mim, sou Bart Simpson! Estou com medo de usar uma arma! Vou me casar com Milhouse! Eu caminho assim.*
 BART: *Ei, pare com isso! Hmm...*)

Como se mencionou antes, o diálogo em foco é entre Nelson, o valentão da escola, e Bart Simpson. Ambos garotos de classe menos favorecida, sendo Nelson filho de classe menos favorecida ainda. Também são variações diastráticas. Na primeira frase, não se usa o pronome pessoal. A seguir, temos *'cause*, que é uma forma menos formal de *because*. Logo em seguida, encontramos novamente o verbo iniciando a frase, sem o pronome, o que, na variedade padrão do inglês, nunca acontece, visto que a regra é sempre colocar o pronome. E, por último, a forma contraída de *going to*: *gonna*.

Friends, série de onde tiramos o exemplo a seguir, foca-se na vida de seis amigos que moram no bairro de Greenwich Village, em Nova York: três moças – Rachel, Monica e Phoebe – e três rapazes – Ross, Chandler e Joey. Todos possuem características e personalidades diferentes, que são constantemente abordadas ao longo da série, como, por exemplo, o fato de Monica ser obsessiva e o fato de todos acharem que Chandler é homossexual.

O episódio *That one with Monica's diary*, de onde foram tirados os diálogos a seguir, foi o décimo sexto episódio da série apresentado durante a quarta temporada, em 1997. Nesse episódio, Joey, Ross, Chandler, Phoebe e Rachel encontram e lêem o diário de Monica.

Joey: Do you have a point?
 Ross: No.
 Monica: Phoebe guess what?
 Phoebe: *Chandler is gay?*
 (Joey: *Tem alguma idéia?*
 Ross: *Não.*
 Monica: *O que a Phoebe acha?*
 Phoebe: *Chandler é gay?*)

Aqui aparece uma pergunta feita fora da ordem padrão que se aprende nas aulas de inglês: segundo a gramática normativa, em perguntas com o verbo *to be*, o verbo sempre deve iniciar a frase, antes do sujeito. Segundo essas aulas a forma *correta* seria *Is Chandler gay?*

O exemplo abaixo apresenta um diálogo entre Monica e outros:

Monica: *Monica's Diary, you read my diary?*

Joey: Do you have a problem with that?
 Monica: No
 All: No.
 Monica: This is the fake one. I have the real one hidden.
 (Monica: *Diário da Mônica, você leu meu diário?*
 Joey: *Algum problema com isso?*
 Monica: *Não*
 Todos: *Não.*
 Monica: *Esse é o falso. O real está escondido.*)

E aqui aparece a já citada ausência do auxiliar *do* em uma pergunta. Dentro da norma padrão a pergunta seria *Do you read my diary?* Ambas as variações citadas em *Friends* são variações diafásicas, visto que foram usadas, por se tratar de situações informais. Elas, provavelmente, não aconteceriam se os mesmos falantes se encontrassem em contextos mais formais.

2.3.2. Exemplos de variação lingüística encontrados em filmes

Nesta seção, serão mostrados exemplos tirados de dois filmes estadunidenses: *Fight Club*, cujo título em português é *Clube da luta*, de 1999, dirigido por David Fincher, tendo Edward Norton e Brad Pitt como protagonistas; e *Shrek*, animação produzida pelos estúdios Pyxar no ano de 2001, tendo Mike Myers e Eddie Murphy dublando os personagens protagonistas, respectivamente Shrek e Burro (Donkey). E dois filmes britânicos: *The crying game*, cujo título em português é *Traídos pelo desejo*, de 1992, dirigido por Neil Jordan, tendo Stephen Rea como protagonista; e *Trainspotting*, de 1997, dirigido por Danny Boyle, tendo Ewan McGregor como protagonista.

Fight Club é um filme de ação/drama, baseado no livro de mesmo nome de Chuck Palahniuk. Conta a história de um homem que de tão aborrecido com sua vida bem sucedida, começa a sofrer de insônia. Nesse contexto, conhece Tyler Durden, com quem funda o Clube da luta. Os diálogos a seguir foram tirados de algumas partes desse filme e seguem a ordem cronológica em que aparecem no filme.

JACK: I don't know my dad. I mean, I know him, but he left when I was like six year old. *Married this woman, had more kids.* He did this like every six years. *Goes to a new city and starts a new family.*

(JACK: Não conheço meu pai. Quer dizer, eu o conheço, mas ele foi embora quando eu tinha seis anos. Casou com outra mulher, teve mais filhos. Ele faz isso mais ou menos a cada seis anos. Vai para uma nova cidade e começa uma nova família.)

Nesse exemplo notamos que o pronome pessoal *he* foi omitido das frases em itálico quando a gramática do dialeto padrão diz que o pronome pessoal deve aparecer sempre. Aqui se trata de uma variação diafásica, que surge na fala por ser uma situação informal.

No exemplo a seguir, Jack aparece novamente, dessa vez conversando com sua amiga Marla:

JACK: So, *you're staying in tonight then?*

MARLA: Do you *wanna* wait, and hear me describe death? Do you *wanna* listen and see if my spirit can use a phone?

(JACK: Então, você vai ficar aí esta noite?)

MARLA: Você quer espera e me ouvir descrever a morte? Você quer escutar e ver se meu espírito consegue usar o telefone?)

No exemplo acima, é possível notar que a ordem da primeira frase não está seguindo a norma do padrão. Se estivesse seguindo a norma, para uma pergunta, o verbo teria de preceder o pronome. Então seria “*So, are you staying in tonight then?*” É uma variação, respectivamente, diafásica e diastrática.

Já na segunda frase o *want to* se transforma em *wanna*. Exatamente como no exemplo abaixo, onde o *want to* também vira *wanna* e o *got to* vira *gotta*.

O trecho a seguir foi tirado de um diálogo entre Jack e Tyler, após a morte de outro personagem, Bob. Nele se pode notar, também, mais um exemplo de variação diafásica.

JACK: Bob is dead! The shot him in the head!

TYLER: If you *wanna* make an omelet you've *gotta* break some eggs.

(*JACK: Bob está morto! Atiraram na cabeça dele!*)

TYLER: Se você quer fazer um omelete, tem que quebrar alguns ovos.)

O exemplo seguinte foi tirado da animação *Shrek*, de 2001, que é uma história para crianças, em que a ordem dos contos de fadas é “virada do avesso”. Trata de um déspota que manda todos os seres fantásticos para o pântano do ogro *Shrek* e este, para ter seu pântano de volta, vai salvar a princesa presa na torre, com a ajuda de um burro falante. A princesa e o ogro acabam se apaixonando, subvertendo, assim, a ordem dos contos de fadas.

O Burro, dublado pelo ator *Eddie Murphy*, possui uma fala que lembra um pouco o *ebonics*.

A variação pode ser notada nas passagens em itálico. Primeiro por *Shrek*, a variação diastrática “*You comin', Donkey*”. Dentro das regras da gramática do dialeto padrão seria “*Are you coming, Donkey?*”. A ordem verbo-sujeito para perguntas foi alterada e o *g* do *coming* foi excluído.

Depois, na fala do Burro, notamos a variação diatópica onde *yes* vira *yep* e *you* vira *ya*. Variações de nível fonético típicas do *ebonics*. Confirmam-se as variações mencionadas no trecho que segue:

Shrek: Hey! I'm no-one's messenger boy, all right? I'm a delivery boy.

Fiona: You wouldn't dare. Put me down.

Shrek: You comin', Donkey?

Donkey: Yep, I'm right behind ya.

(*Shrek: Ei! Eu não sou o garoto de recados de ninguém, certo? Eu sou o garoto de entregas.*)

Fiona: Você não ousaria. Me coloque no chão.

Shrek: Você vêm, Burro?

Burro: Sim, estou logo atrás de você.)

The crying game, dirigido pelo irlandês *Neil Jordan*, foi produzido no início da década de noventa e conta a história de um novato do IRA, o Exército

Republicano Irlandês, que participa do seqüestro de um soldado inglês, trazendo mudanças drásticas para sua vida.

A cena abaixo, logo no início do filme, mostra o diálogo entre Jody, o soldado seqüestrado, com Jude, uma das seqüestradoras, num parque de diversões, antes do seqüestro, quando ele ganha um urso de pelúcia em uma tenda de jogos:

Jody: *You want it?*
 Jude: *Sure.*
 Jody: *Doesn't matter if you don't.*
 (Jody: *Você quer?*
 Moça: *Claro.*
 Jody: *Não importa se você não quer.*)

Aqui, novamente, aparece uma pergunta sem o *do*. Dessa vez, em um filme britânico, retratando a fala de um soldado inglês, o que leva a crer que é comum na fala coloquial não usar o auxiliar *do* em perguntas. Pode ser considerada uma variação diastrática.

A cena a seguir mostra um diálogo entre Fergus, um dos seqüestradores, e Jody, durante o cativo. Aqui *come here* torna-se *c'mere*. Uma variação diastrática de nível fonético.

Fergus: *Didn't look like that to me...*
 Jody: *She's not my type... C'mere.*
 Fergus: *No.*
 Jody: *Ah, c'mere. I want to show you something.*
 (Fergus: *Não olhe assim pra mim...*
 Jody: *Ela não é meu tipo... Venha aqui.*
 Fergus: *Não.*
 Jody: *Ah, venha aqui. Eu quero te mostrar uma coisa.*)

Trainspotting, de Danny Boyle, é um filme escocês, também da década de noventa, baseado no romance homônimo de Irvine Welsh, e conta a vida de um bando de viciados em heroína, sem perspectiva de futuro. Todos os personagens são originários de classe trabalhadora escocesa. O filme possuiu uma quantidade imensa de variações lingüísticas, gírias e palavras de calão. O exemplo abaixo mostra a palavra *shit* transcrita como *shite*. E assim acontece em nas inúmeras ocorrências dessa palavra durante o filme. É uma variação diatópica e também diastrática.

Tommy: It's a waste of your life, Rents, poisoning your body with that *shite*.

(Tommy: É desperdiçar sua vida, Rents, envenenando seu corpo com aquela merda.)

2.3.3 Exemplos encontrados em livros

Aqui serão mostrados exemplos tirados de dois livros: *A pair of silk stocking and other stories*, de *Kate Chopin*, e *The catcher in the rye*, de *J.D. Salinger*.

A pair of silk stocking and other stories é uma coletânea de contos de Kate Chopin, autora do sul dos Estados Unidos (New Orleans), escritos entre 1894 e 1897 e publicados pela editora Dover Publications, em 1996.

A fala que aparece nesses contos é típica do sul dos Estados Unidos, mais especificamente da região da Louisiana, que possui influência francesa sendo, assim, um exemplo de variação diatópica.

Os exemplos a seguir foram tirados do conto *A gentleman of Bayou Têche* (1996, p. 19-24), quinto conto do livro, que trata de um artista da cidade que quer fazer um retrato de um humilde pescador de uma cidade pequena para mostrar “as cores locais”.

The water in the kettle was boiling. He went and poured a small quantity upon the coffee which he had set there to drip. Then he said to her:

“I reckon you *jus'* as well go care *dat* two *dolla'* back, *tomo' mo'nin'*.” P. 22

(A água na chaleira estava fervendo. Ele veio e despejou uma pequena quantidade no café que havia colocado para passar. Então falou para ela:

“Eu calculo que você apenas irá apanhar aqueles dois dólares de volta amanhã de manhã.”)

As variações diatópicas que aparecem nesse exemplo são claramente fonéticas. *That* se transforma em *Dat*, *dollar* em *dolla* e *tomorrow morning* em *tomo' mo'nin'*. Assim, alguns sons são omitidos e a escrita se torna mais próxima da fala. Exatamente como acontece com o exemplo abaixo, onde temos um diálogo entre o pescador e sua filha. *Better* se transforma em *betta*, *and* em *an'* e *your other*

pantaloons and your good coat em *yo' otha pant'loon na' yo' good coat*. No caso de *Popa*, é a influência do francês. Se fosse em inglês seria *dad*, *daddy* ou *father*.

“A bargain,” affirmed Mr. Sublet.
 “*Popa*,” whispered Martinette, “you *betta* come home *an'* put on *yo' otha pant'loon an' yo' good coat*.” P. 24
 (“*Uma barganha*,” afirmou Sr. Sublet.
 “*Papai*,” suspirou Martinette, “*é melhor você ir pra casa e colocar suas outras calças e seu bom casaco*.”)

The catcher in the rye, traduzido no Brasil como *O apanhador no campo de centeio*, foi escrito em 1945 por J.D. Salinger, escritor nova-iorquino. Conta a trajetória de Holden Caulfield, adolescente de 16 anos, durante um fim de semana, o qual, após ser expulso de sua terceira escola, resolve voltar mais cedo para casa. O diálogo a seguir acontece durante sua estada em um hotel, cujo dono quer obrigá-lo a pagar a conta duas vezes.

‘Let’s have it, chief.’ He came right up to where I was standing. That’s all he could say. ‘Let’s have it, chief.’ He was a real moron.
 ‘No.’
 ‘Chief, you’re *gonna* force me *inna roughin’ ya* up a little bit. I don’t *wanna* do it, but that’s the way it looks,’ he said. ‘You owe us five bucks.’ P. 92

“- *Vai passando a nota, chefe.*
Ele veio direto para onde eu estava. Não sabia dizer outra coisa. Era só: “Vai passando a nota, chefe.” Era um imbecil total.
 - *Não.*
 - *Chefe, você assim vai me obrigar a engrossar um pouco. Não queria fazer isso, mas tou vendo que não tem outro jeito. Você deve cinco dólares à gente.*”

(Tradução Álvaro Alencar, Antônio Rocha e Jório Dauster,
 tirada da edição brasileira do livro.)

No trecho, percebe-se a variação diafásica, típica da gíria das ruas de Nova Iorque, durante a década de quarenta. Nele também podemos ver o *going to* e o *want to* virarem, respectivamente, *gonna* e *wanna*. *In roughing you up* vira *inna roughin’ ya up*.

2.3.4. Exemplos encontrados em músicas

Aqui serão apenas citados trechos de letras de quatro músicas, de épocas diferentes, para que seja percebida a variação lingüística em cada uma delas. A primeira *Me and the devil blues* é um *blues* de Robert Johnson, datado da década de 30. O *blues* é reconhecidamente um estilo musical com raízes afro-americanas e, portanto, podemos reconhecer na letra algumas características do *ebonics* como o *ain't* e a ausência do *g* no final de palavras terminadas por *ing*. Outras três são *Rock around the clock*, rock da década de cinquenta bastante famoso; *Walking on the sun*, rock-pop da década de noventa, da banda Smash Mouth; e *Without me*, de Eminem, rap recente.

Os quatro exemplos foram escolhidos aleatoriamente, apenas para ilustrar, para mostrar que a variação sempre apareceu na música através do tempo, de geração para geração. Todas essas músicas foram feitas para se dirigirem aos jovens de sua época, respectivamente a juventude dos anos 30, dos anos 50, dos anos 90 e para a juventude dessa época atual. Parece desnecessário explicar cada variação encontrada, visto serem praticamente as mesmas que foram encontradas em livros, filmes e séries de TV.

O estilo musical mais escutado por jovens hoje em dia é sabidamente o hip-hop e o rap. Assim como o *blues* e o *jazz* foi o estilo mais escutado por jovens das décadas de 30 e 40, e o *rock* até a década de 90. Isso justifica os estilos musicais escolhidos em detrimento de outros.

A tradução e as letras na íntegra dessas quatro músicas se encontram nos anexos.

Early this *mornin'* when you knocked upon my door
 Early this *mornin'*, when you knocked upon my door
 And I said, "Hello, Satan, I believe it's time to go."
 Me and the Devil was *walkin'* side by side
 Me and the Devil, was *walkin'* side by side
 And I'm *goin'* to beat my woman until I get satisfied

She say you don't see why that you will dog me 'round
 Now, babe, you know you *ain't doin'* me right, *don'cha*
 She say you don't see why, that you will dog me 'round
 It must-a be that old evil spirit so deep down in the ground
 You may bury my body down by the highway side
 Baby, I don't care where you bury my body when I'm dead and gone
 You may bury my body down by the highway side
 So my old evil spirit can catch a Greyhound bus and ride.

Por se tratar de uma música razoavelmente curta, *Me and the devil blues* foi colocada aqui na íntegra. É a mais antiga das músicas escolhidas e já aqui se pode notar a ausência do *g* em *morning*, *walking* e *going*, o que leva a crer que a ausência do *g* em palavras terminadas por *ing*, é uma variação diatópica, além de diastrática. Assim como a ausência do *a* em *around*. *Don't you* se transforma em *don'cha*, forma que se aproxima mais da fala. E aparece o *ain't*, forma negativa não aceita pela gramática da variedade padrão, mas muito usada na fala. São variações diastráticas.

O trecho abaixo foi tirado de *Rock around the clock*

When the clock strikes twelve, we'll cool off then, start a *rockin'*
aroun the rock again.
 We're *gonna* rock around the clock tonight, we're *gonna* rock, rock,
 rock, 'til broad daylight, we're *gonna* rock, *gonna* rock, around the
 clock tonight.

Aqui também podemos notar a ausência das consoantes finais *g* e *d* em *rocking* e *around*, respectivamente. O *going to* se transforma em *gonna*. E *until* perde o *un*, tornando-se apenas *'til*, que também é muito usado na fala.

Em *Walking on the sun*, de onde foi tirado o exemplo abaixo, também podemos notar a ausência da consoante final, nesse caso o *g*, em *singing*, *clapping* e *smashing*. E o *a* foi tirado da frente da palavra *against*, tornando a palavra *'gainst*.

Just *singin'* and *clappin'* man what the hell happened
 Then some were spellbound some were hellbound

Some they fell down and some got back up and
Fought back '*gainst* the melt down
And their kids were hippie chicks all hypocrites
Because fashion is *smashin'* the true meaning of it

Para finalizar, um trecho do rap *Without me*, de Eminem:

I created a monster, *cuz* nobody wants to
See Marshall no more they want Shady. I'm chopped liver
Well if you want Shady, then this is what I'll give *ya*

Nesse trecho, podemos notar que as variações destacadas possuem influência do ebonics, até pelo fato de o *rap* ser originalmente uma música de origem afro-americana, como o *blues*, apesar de seu cantor, Eminem, não ser afro-americano, mas ele adapta sua linguagem à linguagem usada dentro desse estilo musical. *Because* se transforma em *cuz* e *you* se transforma em *ya*. São variações diatópicas e diastráticas.

Poderiam ser mostrados diversos exemplos de variação que são encontrados na televisão, na literatura, na música e no cinema, além desses que já foram mostrados, mas esse não é o objetivo desta pesquisa. A idéia aqui era apenas fazer um pequeno, recorte para situar alguns exemplos de variação que estão disponíveis aos aprendizes de inglês e que, portanto, podem fazer surgir questionamentos quanto ao modelo ensinado em sala de aula.

3 A PESQUISA

Para fins da presente pesquisa, uma vez que esta visou a investigar livros de ensino de língua inglesa, para descobrir se a variação lingüística é abordada e, em caso positivo, como é abordada, foram selecionados os materiais usados por duas escolas de franquia, sendo a primeira – que será chamada de Escola A – caracterizada pela Abordagem Audiolingual e a segunda – que será chamada de Escola B – caracterizada pela Abordagem Comunicativa.

Foram escolhidas duas escolas de franquia, por serem escolas que se fazem representar possivelmente no país inteiro. Essas duas escolas, existentes na cidade de Passo Fundo, RS, foram visitadas e um questionário foi aplicado aos coordenadores do curso, para saber, entre outros, qual é o objetivo do curso e qual a visão de língua que perpassa as aulas. Em cada curso de idiomas também foram analisados os livros usados em níveis intermediários e avançados de ensino de língua.

Os livros de nível intermediário e avançado foram escolhidos em detrimento dos demais, pelo fato de que se acredita que a variação lingüística seja introduzida nos níveis mais avançados por estar mais próximo de um falante fluente, com a competência comunicativa mais ampliada, mais abrangente, do que nos níveis mais básicos.

3.1 Caracterização das escolas

3.1.1 Escola A

A Escola A está situada no centro de Passo Fundo, com cerca de 150 alunos que estudam inglês, sendo que a escola também oferece espanhol. A abordagem de ensino usada é a Abordagem Audiolingual. O curso é dividido em três semestres de nível básico, três semestres de nível intermediário, três semestres de nível avançado e mais quatro semestres para alunos que desejam se tornar professores. A variedade de inglês ensinada é declaradamente o inglês falado nos Estados Unidos e o material usado em aula é produzido e desenvolvido pela própria franquia, em todos os níveis.

3.1.2 Escola B

A Escola B está situada no centro de Passo Fundo, com cerca de 220 alunos. A abordagem de ensino usada é a Comunicativa. O curso contém programas infanto-juvenis, divididos por faixa etária - 3 a 5 anos, 6 a 8 anos, 9 e 10 anos, 11 e 12 anos – e programas para adultos, divididos em níveis Iniciante, Pré-Intermediário, Intermediário, Intermediário Superior, Avançado e Pós-Avançado. As variedades de inglês ensinadas são a falada nos Estados Unidos e a falada na Inglaterra, com ênfase na falada nos Estados Unidos, conforme foi observado no material. O material é produzido e desenvolvido pela própria franquia até o nível intermediário superior. Para o nível avançado, o material usado não é produzido pela escola, mas é constituído por dois livros de duas editoras reconhecidas, sendo o da primeira fase um livro que trabalha com inglês falado nos Estados Unidos, já que é de uma editora estadunidense e o da segunda fase trabalha com inglês falado na Inglaterra, já que é de uma editora britânica.

3.2 Procedimentos para coleta de dados

Os procedimentos adotados para coleta de informações, conforme já citado anteriormente, foram um questionário aplicado aos coordenadores dos cursos e coleta de dados em livros desses cursos.

3.2.1 Questionário aplicado aos coordenadores de cursos

1. A franquia existe no país inteiro?

Essa pergunta pareceu importante para termos idéia da abrangência, em termos de país, do material utilizado pela franquia.

2. Aproximadamente quantos alunos o curso possui na cidade? E no país?—

Essa pergunta pareceu importante para termos uma noção de quantos alunos optaram por esse curso e, portanto quantos alunos estão aprendendo segundo aquela metodologia e aquele material, e, conseqüentemente, dando determinada importância à variação encontrada naquele material.

3. Como são divididas as etapas do curso?

Foi importante saber que etapas o curso prevê, a motivação de cada etapa e sua duração.

4. O inglês que se ensina é americano ou britânico?

O objetivo da questão foi saber qual variedade de inglês era mais relevante para o curso, por ser a primeira informação sobre variação diatópica que foi recolhida.

5. Qual é o objetivo do curso?

Pretendeu-se saber qual é o objetivo do curso, além do objetivo de ensinar a língua inglesa. Cada curso visa a um determinado objetivo além do ensino de língua.

6. Qual é a concepção de língua adotada pelo curso?

Essa pergunta é importante porque, através da concepção de língua do curso, é possível ter idéia de como será tratada a variação lingüística.

7. Qual é a metodologia de ensino adotada pelo curso para o ensino de língua inglesa?

Essa pergunta parece importante pelo mesmo motivo da anterior. A metodologia e a concepção de língua deveriam andar juntas.

8. O curso considera importante o ensino de outras formas de língua, além das formas padrão?

Aqui entramos no que estamos buscando, qual a visão que o curso tem sobre a variação lingüística.

9. A variação lingüística é abordada em sala de aula? Em caso afirmativo, responder à questão 10.

A intenção é saber se professor dessa franquia aborda a variação lingüística na sala de aula, independente do material.

10. Como a variação lingüística é abordada em sala de aula?

Se a resposta anterior for positiva, é importante saber como o professor, supostamente, faz isso.

3.2.2 Roteiro para coleta de dados nos materiais didáticos

Os materiais desses cursos que foram analisados eram livros. Para essas análises foram considerados os seguintes itens:

- a metodologia usada;
- as variações lingüísticas que aparecem nos materiais;
- a apresentação das variações;
- as classificações das variações encontradas.

A seguir os dados encontrados foram analisados e comparados com os dados das entrevistas, chegando-se, então, a conclusões sobre a variação lingüística no ensino de inglês.

4 APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS COLETADOS

4.1 Respostas dos questionários

4.1.1 Escola A

1. A franquia existe no país inteiro?

Sim.

2. Aproximadamente quantos alunos o curso possui na cidade? E no país?

*Nesta franquia, em particular, o curso possui aproximadamente 200 alunos ao todo (incluindo inglês e espanhol), mas ressalto que, sobre este número, cerca de 75% cursam o inglês, e apenas 25% o espanhol. Também esclareço que essa quantia está abaixo da meta estipulada pela matriz, a qual é determinada conforme a população da cidade. No entanto, há outra franquia do ***⁸ em Passo Fundo, a qual, talvez, complete essa diferença. Quanto ao número de alunos no país, infelizmente não disponho deste dado, porém, penso que ele pode ser adquirido diretamente com a matriz do *** no Rio de Janeiro pelo telefone ***.*

3. Como são divididas as etapas do curso?

As etapas do curso são divididas em três semestres de nível básico, três semestres de nível intermediário e três semestres de nível avançado; havendo a opção, ainda de cursar mais 4 semestres de nível pós avançado. Também

⁸ Aqui foi omitido pela autora o nome da franquia, que aparecia na entrevista. Sempre que aparecer *** nas respostas dos questionários será por motivo da franquia não ser identificada.

oferecemos cursos intensivos nos períodos de férias, nos quais um semestre é condensado em um mês, ressaltando no entanto, que para tal há um aumento de carga horária.

4. O inglês que se ensina é americano ou britânico?

A princípio, o inglês é americano, havendo, no entanto, um trabalho de comparação em termos de vocabulário e pronúncia entre o inglês americano e britânico nos níveis avançados.

5. Qual é o objetivo do curso?

Faço das palavras da matriz, minhas palavras:

Contribuir para a formação do aluno, ensinando novos idiomas e difundindo outras culturas, proporcionando assim o seu crescimento pessoal e profissional, tornando-o um agente ativo e capacitado a atuar na sociedade. [...]

6. Qual é a concepção de língua adotada pelo curso?

*Para o ***, a língua não é um sistema regulado por lógica, ou seja, uma vez que a estrutura gramatical é diferente, a tradução literal de palavra por palavra das frases não é concebível, e a análise de expressões dentro de um contexto é muito mais plausível.*

7. Qual é a metodologia de ensino adotada pelo curso para o ensino de língua inglesa?

A metodologia que adotamos para o ensino da língua é a mais natural possível, ou seja, aprende-se inglês da mesma forma que se aprendeu o português. Quando a pessoa nasce ela aprende falar português com pessoas falando português ao seu redor, e não falando um segundo idioma. Por isso que se evita falar português em sala de aula, mesmo nos níveis básicos. Além disso, primeiro é preciso ouvir e repetir, só para depois ter contato com a forma escrita. Isso no intuito de evitar o emprego de uma pronúncia equivocada nas palavras.

8. O curso considera importante o ensino de outras formas de língua além da forma padrão?

Entenderei a forma padrão como inglês formal. Com certeza consideramos importante. Embora a base esteja em um inglês formal e gramaticalmente correto, sempre, sempre consideramos o que chamamos de “spoken english” (“inglês falado”) ou “informal english” (“inglês informal”) que envolve gírias, expressões e desvios de algumas regras, porém, muito usadas e aceitas no dia a dia.

9. A variação lingüística é abordada em sala de aula?

Sim.

10. Como a variação lingüística é abordada em sala de aula?

Tendo sempre como modelo o sotaque gaúcho e o nordestino, no inglês é o mesmo, não só em termos de variações de região para região nos EUA, mas também entre inglês americano e britânico, ou ainda, entre o inglês formal e o de “black people” (“negros”), porém, isso acontece com mais ênfase a partir dos níveis avançados.

4.1.2 Escola B

1. A franquia existe no país inteiro?

*Sim, o *** está presente em todo o território nacional.*

2. Aproximadamente quantos alunos o curso possui na cidade? E no país?

Em Passo Fundo temos 220 alunos. Em todo o país são 60.000 alunos.

3. Como são divididas as etapas do curso?

*Os programas Infante-Juvenis são divididos por faixa etária: *3 a 5 anos; *6 a 8 anos; *9 e 10 anos; *11 e 12 anos. Os programas para Adultos dividem-*

se em níveis de proficiência: Iniciante, Pré-Intermediário, Intermediário, Intermediário Superior, Avançado e Pós-Avançado.

4. O inglês que se ensina é americano ou britânico?
O objetivo é ensinar Inglês para Comunicação Internacional não se privilegiando, portanto, nenhuma variante específica da língua.
5. Qual é o objetivo do curso?
Levar o aprendiz a se comunicar adequadamente em diferentes contextos sócio-culturais.
6. Qual é a concepção de língua adotada pelo curso?
Língua é um instrumento de comunicação que funciona como meio para atuação do usuário em ambiente, profissional, acadêmico e pessoal.
7. Qual é a metodologia de ensino adotada pelo curso para o ensino de língua inglesa?
*O *** utiliza a Abordagem Comunicativa lançando mão do “Task-based Approach”.*
8. O curso considera importante o ensino de outras formas de língua além da forma padrão?
Sim. Trabalhamos com o registro formal e informal da língua. Tudo vai depender dos objetivos dos conteúdos a serem trabalhados.
9. A variação lingüística é abordada em sala de aula?
Sim.
10. Como a variação lingüística é abordada em sala de aula?
De acordo com o objetivo de cada conteúdo ou unidade trabalhada aborda-se a variação lingüística como um fenômeno natural e inerente à língua.

4.2 O que foi encontrado nos livros didáticos usados pelas escolas

4.2.1 Escola A

4.2.1.1 Nível Intermediário:

- *Let'er rip*- Aparece em um quadrinho chamado *Curtis*, de Ray Bilingsley, com nota de rodapé explicativa: “*Let'er rip* – (Informal) Let something happen freely. Originally, let a car or boat go its fastest speed.” (*Deixar rolar – (informal) deixar algo acontecer livremente. Originalmente, deixar um carro ou barco andar o mais rápido possível*)
- No início do livro, em *Vocabulary*, aparece a palavra *truck* para caminhão. Mais para o final do livro, em um quadrinho chamado *Jump Start*, de Robb Armstrong, aparece a palavra *wheeler* para caminhão. Também *pileup*, em vez de *crash* para colisão entre veículos.
- *Have got* e *has got* – aparece em quadro como sinônimo de *have* e *has*. “*Have got* and *has got* means the same thing as *have* and *has*. We mainly use *have got* and *has got* in spoken English.” (*Have got* e *has got* significa o mesmo que *have* e *has*. Usamos na maioria das vezes *have got* e *has got* em inglês falado. *Have got* ou *Have* significa ter.)
- *Till/ Untill* - Os usos aparecem em quadrinhos. Mostra o uso padrão e o uso não padrão. “Notice that we can use *till* instead of *until*. The use of *till* is common in spoken English and informal written English.” (*Perceba que podemos usar till no lugar de until. O uso de till é comum em inglês falado e inglês escrito informal. A tradução para until é até.*)

- *Wimp*- aparece no quadrinho *Cathy*, de Cathy Guisewite, com nota explicativa no rodapé: “wimp – a person who gets exhausted easily, weak”. (*chorão – pessoa que fica exausta facilmente, fraco*)

4.2.1.2 Nível Avançado

- *Lotta* – aparece no quadrinho *Baby blues*, de Rick Kirkman e Jerry Scott, com nota explicativa de rodapé: “When people say ‘a lot of’ very fast, it sounds like ‘lotta’” (*Quando as pessoas dizem a lot of muito rápido, soa como lotta.*)
- *Gotta* – aparece no quadrinho *Dennis the Menace*, com nota explicativa de rodapé: “Dennis says *gotta* instead of saying have got to. When people want to say have got to very fast, they say *gotta*.” (*Dennis diz gotta em vez de got to. Quando as pessoas querem dizer got to muito rápido, elas dizem gotta.*)
- *A tube of sunscreen / a tube of sunblock* – em um estudo de vocabulário, aparecem as duas formas, para mostrar que ambas são possíveis. (*protetor solar*)
- *French fries / fries* – em um estudo de vocabulário, aparecem as duas formas para mostrar que ambas são possíveis. (*batatas fritas*)
- *Might have/ might’ve* – aparece em nota explicativa: “Notice that, in **spoken English**, it’s common to use the contracted form *might’ve* instead of the full form *might have* in the construction *might have + past participle*.” (*Perceba que, em inglês falado, é comum usar a forma contraída might’ve em vez de might have, na forma might have + past participle*)

- *Skyscraper / high rise* – em estudo de vocabulário, aparecem as duas formas para mostrar que ambas são possíveis. (*arranha-céu*)
- *The underground is what English people call the subway* – aparece em estudo de vocabulário para mostrar as diferenças entre o inglês falado no Reino Unido e nos Estados Unidos. (*metrô*)
- *Flat is the English word for apartment*- aparece em estudo de vocabulário para mostrar as diferenças entre o inglês falado no Reino Unido e nos Estados Unidos. (*apartamento*)
- Um capítulo inteiro apresenta as diferenças entre o inglês falado nos Estados Unidos e na Inglaterra. Dentro deste capítulo encontramos um estudo de vocabulário mostrando como se fala na Inglaterra e a opção que é usada nos Estados Unidos:
 - *Fish and chips(brit)/ fish with fries (am) (peixe com batatas fritas)*
 - *I'm dead excited (brit)/ I'm very excited (am.)* “*Dead – a lot of young British people sometimes use dead in front of an adjective to mean very. (Estou muito excitado. “dead” muitos jovens britânicos algumas vezes usam dead em frente de um adjetivo no sentido de very)*
 - *Yard – a unit of length, equal to 3 feet (36 inches) or 0,9144 of a meter. (unidade de medida)*
 - *Yob – in British English, a loud, unpleasant person who behaves badly* “*It was a group of ugliest American yobs you can possibly imagine...*” (*yob – em inglês britânico, uma pessoa barulhenta e desagradável que se comporta mal. “Era o grupo mais horrível de yobs americanos que você pode imaginar...”*)

- Tabela com expressões em inglês estadunidense e inglês britânico
 - *Chips (potato) – crisps (batata)*
 - *Closet – cupboard (armário)*
 - *Eraser – rubber (borracha)*
 - *First floor – ground floor (térreo)*
 - *Garbage – rubbish (lixo)*
 - *Gas – petrol (combustível)*
 - *Line – queue (fila)*
 - *Mail – post (correio)*
 - *Make a reservation – book a table (fazer uma reserve)*
 - *Math – maths (matemática)*
 - *Pants – trousers (calças)*
 - *Pantyhose – tights (meia-calça)*
 - *Parking lot – car park (estacionamento)*
 - *A raise (salary) – a rise (salário)*
 - *To rent – to hire (alugar)*
 - *Take-out (food) – take away (pegar comida para comer em outro lugar, geralmente fast food)*
 - *Salesperson – shop assistant (atendente de loja)*
 - *Vest – waist coat (colete)*
 - *Zip code – postal code (cep)*

- *C'mon* – aparece no quadrinho Marmaduke de Brad Anderson, mas sem nota explicativa dessa vez. (*contração de come on, que significa venha*)

4.2.2 Escola B

4.2.2.1 Nível Intermediário

- “*We don't need no education*

We don't need no thought control

No dark sarcasm in the classroom

Teachers leave them kids alone

Hey! Teachers! Leave them kids alone!

All in all it's just another brick in the wall.

All in all you're just another brick in the wall”

(Nós não precisamos de educação

Nós não precisamos de controle mental

Sem sarcasmo negro na sala de aula

Professores, deixem as crianças em paz

Ei! Professores! Deixem as crianças em paz!

No total isso é somente mais um tijolo no muro

No total você é somente mais um tijolo no muro.”

O trecho da música *Another brick in the wall – part 2*, da banda inglesa Pink Floyd, aparece em um exercício do livro, com a seguinte explicação e proposta de atividade: “In Standard English, the sentences *we don't need no education* e *we don't need no thought control* are considered grammatically incorrect because they have a double negative (*don't* and *no*). What is the standard form to express the same idea? Why do you think the author has

used the double negative? (*Em inglês padrão, as frases we don't need no education e we don't need no thought control são consideradas gramaticalmente incorretas porque existe a dupla negativa. Qual é a forma padrão para expressar a mesma idéia? Por que você acha que o autor usou a dupla negativa?*)

- “Well, *there's** just two subjects that they DO want their children taught, and that's handwriting and arithmetic.” (*Bem, existem apenas duas matérias que eles querem que seus filhos aprendam, e é caligrafia e aritmética.*)

Num primeiro momento, é usado um trecho de um texto de George Orwell, chamado *A clergyman's daughter*. Mais adiante o texto é retomado, dando ênfase à fala de um dos personagens, Mrs Creevy. Sobre a variação marcada, existe a seguinte nota: **Note: In Standard English the correct sentence would be: there are just two subjects, however, in colloquial spoken language, it's common for people use there's instead of there are. George Orwell wanted to reproduce an informal conversation, and that's probably one of the reasons why he chose that he wanted to show that in spite of all the emphasis Mrs. Creevy places on handwriting and correct usage, she herself doesn't use the correct structure. (Nota: Em inglês padrão a frase correta seria: there are just two subjects, no entanto, em língua falada coloquial, é comum as pessoas usarem there's em vez de there are.)*

- Transcrição de atividade oral: *Yes, ma'am* – usado num diálogo entre um casal conversando sobre vida pessoal. (*Sim, senhora*)

4.2.2.2 Nível Avançado

- ‘Cos – aparece na música *My girl*, do Madness, em atividade oral: ‘*Cos everything I say she doesn’t* (*Por que tudo que digo ela não diz.*). Depois aparece novamente na música *Love in the first degree*, do Bananarama: ‘*cos I’m guilty* (*porque sou culpado*).
- Em um quadro sobre linguagem intitulado *Do you know* (*Você sabe*), com curiosidades sobre a língua inglesa, os itens 5 e 6 falam sobre a existência da variação lingüística:

5. *The grammar and vocabulary used by native speakers varies a lot, even in the UK. In some local accents people say ‘we was’ or ‘they was’, a few kilometers away, they say ‘he were’ and ‘she were’. (A gramática e o vocabulário usado por falantes nativos varia bastante, até no Reino Unido. Em alguns falares locais pessoas dizem we was ou they was, poucos quilômetros depois, eles dizem he were e she were).*

6. *Modern British people probably wouldn’t have been able to understand the English spoken in Shakespeare’s time. Many words had different meanings, for example, ‘nice’ meant ‘foolish’ in the sixteenth century! (Britânicos modernos provavelmente não entenderiam o inglês falado no tempo de Shakespeare. Algumas palavras tinham significados diferentes, por exemplo, nice- legal- significava foolish- tolo- no século dezesseis.)*

- *Booby-hatch* → aparece em nota explicativa sobre um pequeno texto onde a expressão aparece: *booby is a type of bird but also refers to a stupid or crazy person. In this story, booby-hatch is taken to mean a mental hospital. (Booby é um tipo de pássaro, mas também se refere a alguém estúpido ou maluco. Nessa história, booby-hatch é usado para significar sanatório para doentes mentais.)*
- Beautiful mind set for *clean sweep** at Oscars. (Beautiful mind ganhou todos os Oscars) – aparece em uma atividade, com a seguinte nota explicativa: *in the context of a competition, a clean sweep or to sweep the board means to win every possible prize. (no contexto de uma competição, um clean sweep ou to sweep the board significa vencer todos os prêmios possíveis.)*

4.3 Análise dos dados e classificação das variações lingüísticas encontradas

4.3.1 Análise dos questionários:

Com base no questionário respondido pelo coordenador da Escola A é possível concluir que a mesma possui um curso de inglês, cuja duração total é quatro anos e meio, onde predomina o ensino da variedade estadunidense do inglês. Devido às respostas das questões seis e sete é possível concluir que o curso se baseia numa perspectiva behaviorista, que caracteriza o ensino pela abordagem Audiolingual. O curso aborda a variação lingüística uma vez que pretende que o inglês ensinado se aproxime o máximo possível do inglês falado por nativos. A variação não é tratada como algo errado, mas como algo natural, porém diferente do inglês formal. Algo que só acontece na fala.

Sobre a Escola B, com base no questionário respondido por seu coordenador, é possível concluir que existe um curso para crianças e adolescentes, dividido por faixas etárias e um curso para adultos, por nível de proficiência. O coordenador defende que a escola não ensina nenhuma variedade específica do inglês, trabalhando com inglês para comunicação internacional. Porém, ao analisar os livros, é possível concluir que as variedades predominantes são as variedades britânica e estadunidense, uma vez que não se nota variedades de outros locais onde o inglês é falado. O coordenador também deixa claro que o objetivo do curso é ensinar inglês para a comunicação, usando, assim, a abordagem comunicativa. A variação linguística é abordada como registro informal, como algo natural e inerente à língua, que se difere da norma padrão.

4.3.2 Classificação das variações

Variações	Escola A	Escola B
Diatópicas	Truck/ wheeler Pileup/ crash Has got/ has Have got/ have A tube of sunscreen / a tube of sunblock Skyscraper / high rise Underground/subway Flat/ apartament Fish and chips/ fish with fries I'm dead excited / I'm very excited Yard Yob Chips /crisps Closet /cupboard Eraser / rubber First floor /- ground floor Garbage / rubbish Gas/ petrol Line / queue Mail / post Make a reservation / book a	We was They was She were

	table Math / maths Pants / trousers Pantyhose / tights Parking lot / car park A raise (salary) / a rise To rent / to hire Take-out (food) / take away Salesperson/ shop assistant Vest/waist coat Zip code / postal code	
Diastráticas	Till/ Untill Lotta Gotta C'mon	double negative (don't and no) there's/ there is ma'am We was They was She were
Diacrônicas		there's/ there is Nice= foolish
Diafásicas	Let'er rip Till/ Untill Wimp Lotta Gotta French fries / fries Might have/ might've Yob C'mon	double negative (don't and no) there's/ there is ma'am 'Cos We was They was She were Booby-hatch clean sweep

Com base nas variações lingüísticas encontradas nos manuais tanto da Escola A como da Escola B é possível concluir que são variações bastante comuns.

Não coincidem com os exemplos de variações encontrados em contextos reais de uso da língua, citados no capítulo 2, que seriam variações lingüísticas mais atuais e muito usadas no momento.

Nos manuais da Escola A existe uma predominância de variações diatópicas mostrando pequenas diferenças entre o inglês usado nos Estados Unidos e o inglês usado na Inglaterra. Isso se deve ao fato que esta escola adota a variedade estadunidense e, portanto, precisa mostrar que existem diferenças entre a variedade escolhida e a outra variedade, também muito usada.

Nos manuais da Escola B existe predominância de variações diafásicas, que são as variações de uso. Uma vez que a escola trabalha com abordagem comunicativa, é importante mostrar que existem outras maneiras de se comunicar e, para tanto, mostra que existem outras formas além da norma padrão. Que o aluno vai lançar mão de uma variedade ou outra conforme a situação exija.

Não foi encontrado nos materiais de nenhuma das duas escolas variações provenientes de outras regiões que não a Inglaterra ou os Estados Unidos. As variações diatópicas apresentadas estão ali com o intuito de mostrar algumas diferenças entre o inglês britânico e o inglês estadunidense ou, poucas vezes, variações que existem em regiões diferentes desses mesmos países. Não se tem notícias, por exemplo, da variedade do inglês falado na África do Sul ou na Austrália.

As variações diastráticas apresentadas nos materiais de ambas as escolas são muito poucas e bastante comuns. Não se apresenta variações diastráticas mais representativas das diferentes classes sociais, como o ebonics ou o cockney, por exemplo.

Variações diacrônicas não aparecem nos materiais da Escola A. Nos materiais da Escola B aparecem dois exemplos, citados como curiosidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O inglês é uma das línguas mais faladas no mundo inteiro. Talvez um quarto da população mundial, contando os falantes nativos e os falantes de inglês como segunda língua ou língua estrangeira. Isso se deva ao poderio econômico e sócio-cultural de países como os Estados Unidos e a Inglaterra, que por anos mantiveram política de dominação e colonização de outros países – cada um a seu modo e em épocas diferentes - onde, conseqüentemente, deixaram sua língua, e hoje em dia ainda são de influência crucial na economia mundial. Acrescenta-se a isso a facilidade de vinculação de informações que o século XXI oferece (televisão, internet, etc) e é possível ter uma idéia de por que o inglês é uma das línguas mais faladas no mundo.

Esses fatores fizeram com que o ensino de inglês como língua estrangeira aumentasse cada vez mais. É preciso saber inglês para se ter acesso a uma série de informações e oportunidades.

Cursos que ensinam inglês para estrangeiros existem no mundo todo, dentre eles, os mais conhecidos são os cursos de franquia, por existirem em diversos lugares. No Brasil, por exemplo, podemos citar cursos de franquia conhecidos no país inteiro como Fisk, Wizard, CCAA, Cultural, Yázigi, entre outros. E, justamente por existirem no país inteiro, para fins dessa pesquisa, foram escolhidos dois desses cursos com o objetivo de que fosse feita uma comparação, para saber se a variação lingüística é apresentada nos materiais e, em caso afirmativo, como é apresentada e que tipo de variação é apresentada. Para tanto foi feito um estudo de caso, comparando como a variação lingüística é abordada em materiais didáticos de ensino de língua inglesa usados em dois cursos de franquia, sendo um deles de Abordagem Audiolingual e o outro de Abordagem Comunicativa.

A primeira consideração que pode ser feita ao finalizar desta pesquisa é que, paradoxalmente, foi percebido que a Escola A, de Abordagem Audiolingual,

apresentou uma quantidade muito maior de ocorrências de variações lingüísticas do que a Escola B, que adota uma Abordagem Comunicativa, sendo essas variações, na sua maioria, variações diatópicas. O material Escola A não apresenta a variação lingüística como algo *errado*, mas deixa claro que seu uso deve depender do contexto e que, normalmente, a variação vai aparecer em *inglês informal*, segundo palavras do coordenador. A Escola B, de Abordagem Comunicativa, distribuiu as variações apresentadas de forma mais ou menos equivalente entre variações diatópicas, variações diastráticas, variações diacrônicas e variações diafásicas. Assim como a Escola A, a Escola B não apresenta a variação lingüística como algo errado, mas como algo que faz parte da língua e acontece, especialmente, em língua falada.

As variações encontradas nos materiais das duas escolas, no entanto, diferem daquelas que foram mostradas como exemplos de variações facilmente encontradas em situações autênticas de uso da língua. Por exemplo, em nenhum dos materiais analisados nessas duas escolas foi apresentada a variante morfo-sintática em que o auxiliar *do* não é usado no início da frase para perguntas, que é uma variante, como foi visto, bastante encontrada em situações reais de uso, sobretudo, que contraria a forma gramatical que é insistentemente ensinada aos aprendizes de inglês: isto é, usar o auxiliar *do* no início da frase, quando for fazer pergunta. As variantes lingüísticas apresentadas nesses materiais são variações comuns, ou seja, tão usadas que talvez nem sejam notadas como variações. Porém existem outras variações que são bastante usadas e não são apresentadas. Formas lingüísticas de outros países falantes de língua inglesa, por exemplo, não são apresentadas. As variantes de inglês ensinadas são, necessariamente, o inglês falado na Inglaterra e o inglês falado nos Estados Unidos. Não se tem notícias do inglês falado na África do Sul ou na Nova Zelândia, por exemplo. Mesmo o inglês internacional, também citado anteriormente, é um inglês em que predomina o inglês britânico e o inglês estadunidense, em detrimento do inglês falado em outros lugares e isso acontece devido ao poder econômico e cultural desses dois países como se referiu antes.

Então, é possível dizer que ainda existe muito que pesquisar sobre o assunto, mas que as perguntas propostas nessa pesquisa foram respondidas: a variação lingüística é abordada em sala de aula e é abordada como deveria ser feito em língua materna: sem ser tratada como erro, mas como algo que faz parte da língua e deve ser

respeitado. No entanto acredita-se que muito mais ainda possa ser investigado sobre o tratamento da variação lingüística em sala de aula de língua estrangeira, de maneira mais profunda e abrangente, do que o estudo de caso específico feito neste trabalho. Serão necessárias novas pesquisas para verificar a situação em outros cursos e em outras situações (por exemplo, nas grandes cidades), mas tudo parece indicar que um esforço maior deveria ser feito pelos responsáveis pelas metodologias de ensino de inglês, no sentido de incorporar nos manuais e nas salas de aula, reais situações de uso da língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1992.
- BENTES, Anna Christina. MUSSALIM, Fernanda (Orgs). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. Cortez: São Paulo, 2005. V.1
- BERLITZ, Charles. *As línguas do mundo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: EdUSP, 1996.
- BRAGA, Maria Luiza. MOLLICA, Maria Cecília. (Orgs.) *Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004.
- CALVET, Louis-Jean. *Sociolingüística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.
- _____ *As políticas lingüísticas*. São Paulo: Parábola, 2007.
- CAMACHO, Roberto Gomes . *Sociolingüística: Parte II*. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C.. (Org.). *Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras*. 1 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2001, v. 1, p. 49-75.
- CARVALHO, José G. Herculano. *Teoria da linguagem: natureza do fenômeno lingüístico e a análise das línguas*. Atlântica Editora: Coimbra, 1967.
- CHOPIN, Kate. *A pair of silk stocking and other short stories*. New York: Dover, 1996

CRYSTAL, David. *A revolução da linguagem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2004.

GNERRE, Maurizio. *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GRIGOLETTO, Marisa. Inglês: a linguagem dos negócios. *Biblioteca Entre Livros*, São Paulo, v.1, n.4, pp. 54-57.

LABOV, William. *Sociolinguistics patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LACOSTE, Yves; RAJAGOPALAN, Kanavillil. *A geopolítica do inglês*. São Paulo: Parábola, 2005.

LASS, Roger. *Old English: a historical linguistic companion*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

LEFFA, Vilson J. Metodologia do ensino de línguas. In: BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. *Tópicos em lingüística aplicada: o ensino de línguas estrangeiras*. Florianópolis: Ed. UFSC, 1988. p. 211-236.

LIGHTBOWN, Patsy M. SPADA, Nina. *How languages are learned*. Oxford: Oxford University Press, 1998.

MARCELLESI, Jean Baptiste. GARDIN, Bernard. *Introdução à Sociolinguística: a lingüística social*. Lisboa: Áster, 1975.

McARTHUR, Tom. *The English Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

McCORMITT, Paul. *Adventures in English Literature*. San Diego: HJB, 1979.

MITCHEL, Rosamond. MYLES, Florence. *Second language learning theories*. London: Arnold, 1998.

POPE, Rob. *The English studies book: An introduction to language, literature and culture*. New York: Routledge, 1998.

PRETI, Dino. *Sociolingüística: os níveis da fala*. São Paulo: Nacional, 1982.

RAUBER, Jaime José. SOARES, Marcio. *Apresentação de trabalhos científicos: normas e orientações práticas*. Passo Fundo: UPF Editora, 2005.

SALINGER, J.D. *The catcher in the rye*. London: Penguin books, 1994.

_____ *O apanhador no campo de centeio*. Rio de Janeiro: Editora do autor.

SANTIPOLO, Matteo. *Dalla sociolinguistica alla glottodidattica*. Torino: Utet libreria, 2002.

SCHÜTZ, Ricardo. *História da língua inglesa*. Disponível em: <http://www.sk.com.br/sk-enhis.html> , acessado em 08 de Novembro de 2007

STEFANELLO, Carla Marli Adiers. *Da competência comunicativa à lingüístico-discursiva: implicações para o ensino e aprendizagem de língua estrangeira*. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós Graduação em Letras, Universidade Passo Fundo, Passo Fundo, 2007.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 1986.

WALTER, Henriette. *A aventura das línguas no ocidente: origem, história e geografia*. São Paulo: Mandarin, 2001.

WEEDWOOD, Bárbara. *História concisa da lingüística*. São Paulo: Parábola, 2002.

ANEXO 1

*Me and devil blues**Robert Johnson*

Early this mornin' when you knocked upon my door
Early this mornin' when you knocked upon my door
And I said, "Hello, Satan, I believe it's time to go."
Me and the Devil was walkin' side by side
Me and the Devil was walkin' side by side
And I'm goin' to beat my woman until I get satisfied
She say you don't see why that you will dog me 'round
Now, babe, you know you ain't doin' me right, don'cha
She say you don't see why that you will dog me 'round
It must-a be that old evil spirit so deep down in the ground
You may bury my body down by the highway side
Baby, I don't care where you bury my body when I'm dead and gone
You may bury my body down by the highway side
So my old evil spirit can catch a Greyhound bus and ride

(tradução)

Hoje cedo quando você bateu na minha porta
Hoje cedo quando você bateu na minha porta
E eu disse, "Olá, Satan, acho que é hora de ir."

Eu e o diabo andávamos lado a lado

Eu e o diabo andávamos lado a lado

Eu vou bater na minha mulher até ficar satisfeito

Ela fala: você não enxerga por que vai me tratar mal

Agora, querido, você sabe que não está me tratando direito, não sabe

Ela fala: você não enxerga por que vai me tratar mal

Deve ser aquele velho espírito maligno enterrado tão fundo no chão

Você pode enterrar meu corpo na beira da estrada

Querida, eu não me importo onde você vai enterrar meu corpo quando eu morrer e
me for

Você pode enterrar meu corpo na beira da estrada

Então meu velho espírito maligno poderá apanhar o ônibus Greyhound e dirigi-lo.

ANEXO 2

*Rock around the clock**Bill Haley*

One, two, three o'clock, four o'clock rock,
Five, six, seven o'clock, eight o'clock rock.
Nine, ten, eleven o'clock, twelve o'clock rock,
We're gonna rock around the clock tonight.
Put your glad rags on and join me hon',
We'll have some fun when the clock strikes one.
We're gonna rock around the clock tonight,
We're gonna rock, rock, rock, 'till broad daylight,
We're gonna rock we're gonna rock around the clock tonight.
When the clock strikes two, three and four,
If the band slows down we'll yell for more.
When the chimes ring five, six, and seven,
We'll be right in seventh heaven.
When it's eight, nine, ten, eleven too,
I'll be goin' strong and so will you.
When the clock strikes twelve we'll cool off then,
Start rockin' 'round the clock again.

(tradução)

Uma, duas, três, quatro horas de rock,
Cinco, seis, sete horas, oito horas de rock.
Nove, dez, onze horas, doze horas de rock,
Nós vamos dançar rock pelas horas hoje à noite.
Ponha seus trapos alegres e aproveite comigo,
Teremos diversão quando o relógio bater uma.
Nós vamos dançar rock pelas horas hoje à noite,
Nós vamos dançar rock, rock, rock, até amanhecer,
Nós vamos dançar rock, nós vamos dançar rock pelas horas hoje à noite.
Quando o relógio bater duas, três e quatro,
Se a banda diminuir vamos gritar por mais.
Quando o alarme tocar cinco, seis e sete,
Nós estaremos no sétimo céu.
Quando for oito, nove, dez, onze também,
Estarei forte e você também.
Quando o relógio bater doze nós nos acalmaremos então,
Começaremos a dançar o rock pelas horas de novo.

ANEXO 3

*Walkin' on the sun**Smash Mouth*

It ain't no joke I'd like to buy the world a toke
Teach the world to sing in perfect harmony
And teach the world to snuff the fires and the liars
Hey I know it's just a song but it's spice for the recipe
This is a love attack I know it went out but it's back.
It's just like any fad it retracts before impact
And just like fashion it's a passion for the with it and hip
If you got the goods they'll come and buy it just to stay in the click
So don't delay act now supplies are running out
Allow if you're still alive six to eight years to arrive
And if you follow there may be a tomorrow
But if the offer's shun you might as well be walkin' on the sun
Twenty-five years ago they spoke out and they broke out
Of recession and oppression and together they toked
And they folked out with guitars around a bonfire
Just singin' and clappin' man what the hell happened
Then some were spellbound some were hellbound
Some they fell down and some got back up and
Fought back 'gainst the melt down

And their kids were hippie chicks all hypocrites
Because fashion is smashin' the true meaning of it
It ain't no joke when a mama's handkerchief is soaked
With her tears because her baby's life has been revoked
The bond is broke up so choke up and focus on the close up
Mr. wizard can't perform no godlike hocus-pocus
So don't sit back kick back and watch the world get bushwhacked
News at 10 your neighborhood is under attack
Put away the crack before the crack puts you away
You need to be there when your baby's old enough to relate

(tradução)

Isso não é uma piada, Eu gostaria de comprar ao mundo um baseado
Ensinar ao mundo a cantar em perfeita harmonia
E ensinar o mundo a destruir os compradores e os mentirosos
Hey, eu sei que isto é apenas uma música mas é a pimenta da receita
É apenas um ataque de amor eu sei que saiu, mas está de volta.
É apenas como qualquer celebridade momentânea que retrái antes do impacto
E como qualquer moda é uma paixão pelo "consumismo"
Se você tiver os bens eles virão comprar apenas para continuar nos "flashes"
Então não hesite, aja agora, suprimentos estão acabando
Permita se você ainda estiver vivo seis a oito anos para chegar
E se você for atrás, talvez haja um amanhã

Mas se as ofertas lhe negarem, você pode também estar andando no Sol.

Vinte e cinco anos atrás eles falaram e se rebelaram

De recessão e opressão e juntos eles se drogaram

E se divertiram com guitarras ao redor de uma fogueira

Apenas cantando e aplaudindo, o que diabos aconteceu?

Então alguns estavam fascinados, e outros estavam alucinados

Alguns caíram, e outros voltaram e lutaram contra o degelo

E seus filhos são hippies chiques, todos hipócritas

Porque a moda está esmagando o verdadeiro significado disso.

Não é piada quando um lenço de uma mãe está encharcado

Com suas lágrimas porque a vida de sua bebê foi revogada

Os olhos estão abertos, então pigarre e se concentre no próximo

Sr. Mago não consegue inventar nenhuma bruxaria

Então não sente, chute e assista o mundo ser recrutado

Últimas notícias, sua vizinhança está sobre ataque

Deixe o crack antes que o crack te mate

Você precisa estar aí quando o seu bebê estiver pronto para se relacionar

ANEXO 4

*Without me**Eminem*

Obie Trice,real name,no gimmicks

Two trailer park girls go round the outside

Round the outside,round the outside

Two trailer park girls go round the outside

Round the outside,round the outside

Guess who's back, back again

Shady's back, tell a friend

Guess who's back, guess who's back, guess who's back

Guess who's back

I've created a monster, cuz nobody wants to

see Marshall no more, they want Shady I'm chopped liver

well if you want Shady, this is what I'll give ya

a little bit of me mixed with some hard liquor

some vodka that'll jumpstart my heart quicker then a

shock when I get shocked at the hospital by the Dr. when I'm not cooperating

when I'm rocking the table while he's operating

you waited this long now stop debating cuz I'm back, I'm on the rag and ovulating

I know that you got a job Ms. Cheney but your husbands heart problem's

complicating

So the FCC wont let me be or let me be me so let me see
they tried to shut me down on MTV but it feels so empty without me
So come on and dip, bum on your lips fuck that, cum on your lips and some on your
tits and get ready cuz this shit's about to get heavy
I just settled all my lawsuits fuck you Debbie!
Now this looks like a job for me so everybody just follow me
cuz we need a little controversy, cuz it feels so empty without me
Little hellions kids feeling rebellious
embarrassed, their parents still listen to Elvis
they start feeling the prisoners helpless, 'til someone comes along on a mission and
yells "bitch"
A visionary, vision is scary, could start a revolution, pollutin the air waves a rebel
so let me just revel an bask, in the fact that I got everyone kissing my ass
and it's a disaster such a catastrophe for you to see so damn much of my ass you ask
for me?
Well I'm back (batman sound) fix your bent antennae tune it in and then I'm gonna/
enter in and up under your skin like a splinter
The center of attention back for the winter
I'm interesting, the best thing since wrestling
Infesting in your kids ears and nesting
Testing "Attention Please" feel the tension soon as someone mentions me
here's my 10 cents my 2cents is free
A nuisance, who sent, you sent for me?
A tisk-it a task-it, I'll go tit for tat with anybody who's talking this shit that shit. Chris

Kirkpatrick you can get your ass kicked
worse than them little Limp Bizkit bastards, and Moby
you can get stomped by Obie, you 36 year old bald headed fag blow me
You don't know me, you're too old let go its over, nobody listens to techno
Now lets go, give me the signal I'll be there with a whole list full of new insults
I've been dope, suspenseful with a pencil ever since Prince turned himself into a
symbol
But sometimes the shit just seems, everybody only wants to discuss me
So this must mean I'm disgusting, but its just me I'm just obscene
Though I'm not the first king of controversy
I am the worst thing since Elvis Presley, to do Black Music so selfishly and use it to
get myself wealthy
there's a concept that works
20 million other white rappers emerge
but no matter how many fish in the sea it'd be so empty without me

(tradução)

Duas meninas de um parque habitacional vão dar uma volta
Dar uma volta, dar uma volta.
Adivinhe quem voltou, adivinhe quem voltou
Shady voltou e ligou para um amigo
ele voltou, ele voltou,ele voltou, ele voltou...

Eu criei um monstro, porque ninguém quer
Ver o Marshall tampouco o Shady. Querem meu fígado
Se você quiser o Shady, então isto é o que eu vou te dar
Um pouco de mim misturado com alguma bebida alcoólica forte
Alguma vodca que reanimará meu coração mais rápido do que um
choque aplicado pelo Dr. no hospital quando eu não estiver cooperando.
Quando eu estiver balançando a mesa enquanto ele está operando
Aí! você esperou este tempo todo para parar de debater
porque eu estou de volta, eu estou um trapo e ovulando
Eu sei que você conseguiu um trabalho Sra. Cheney mas o
problema de coração do seu marido é complicado
Então o FCC não quer me deixar ser ou me deixar ser então deixe-me ver
Que eles tentaram me derrubar na MTV mas parece tão vazio sem mim
Então venha e mergulhe seu traseiro em sua boca salte para trás, rebole e sacuda
um pouco
E prepara-se porque isto está para ficar ainda pior
Pois acabo de acordar todos meus processos foda-se Debbie!
Este parece como um trabalho para mim assim então sigam-me
Porque precisamos de um pouco de controvérsia,
porque fica muito vazio sem mim
porque fica muito vazio sem mim
Pequenas crianças malvadas sentindo-se rebeldes
Envergonhadas, pois seus pais ainda escutam Elvis
Eles começam a se sentir presos impotentes, até que alguém

venha em uma missão gritando "cadela"

Uns visionários, a visão é assustadora, podia começar
uma revolução, poluindo as ondas sonoras, um rebelde

Então deixe-me preparar a orgia, o fato é que eu
consegui todo mundo puxando meu saco

Isso é um desastre, uma catástrofe para você ver o tanto você enche meu saco?

Bem eu voltei

conserte sua antena torta,sintonize

que eu vou entrar dentro sua pele como uma farpa

O centro da atenção estará de volta no inverno

Eu estou interessando, a melhor coisa desde lutar

Infestando os berços e orelhas de crianças

Testando... "Sua atenção por favor" sinta a tensão tão logo alguém me menciona

Aqui estão os meus 10 centavos, os 2 centavos são de graça

Que inconveniência, quem enviou, você mandou por mim?

Comigo é elas por elas, eu insulto qualquer um que fale essa ou aquela merda

... Chris Kirkpatrick você pode apanhar

Pior que esses pequenos bastardos do Limp Bizkit, e Moby?

Você pode ser pisado por Obie, seu careca de 36 anos de idade,

Stan chupa o meu...

Você não me conhece, você é muito velho, deixa para lá, já terminou, ninguém
escuta techno

Agora vamos nessa, dê-me um sinal que eu estarei com uma lista lotada de novos
insultos

Eu já fui uma droga, cheio de suspense com um lápis desde que Prince tornou-se um símbolo

Mas às vezes, cara, parece que todo mundo só quer falar a meu respeito

Isso significa que eu sou repugnante, mas sou eu mesmo eu sou apenas obsceno

Entretanto não sou o primeiro rei de controvérsia

Eu sou a pior coisa desde Elvis Presley, para fazer um Hip Hoptão egoísta

E uso isso para ficar mais rico

Existe um conceito que funciona

20 milhões de outros rappers brancos surgem

Mas não importa quantos peixes estejam no mar que sempre estará sem mim.